

Revista Científica

 **DIMENSÃO**



Investigação Científica
Acadêmica e Profissional

v.8 n.2 janeiro/março 2022



 **awking**
EDITORA

www.editorahawking.com.br

REVISTA CIENTÍFICA DIMENSÃO
v.8 n.2 janeiro/março 2022

EDITORIAL: Betijane Soares de Barros
REVISÃO ORTOGRÁFICA: Editora Hawking
DIAGRAMAÇÃO: Luciele Vieira
DESIGNER DE CAPA: Editora Hawking
IMAGENS DE CAPA: canva.com
ARTE FINAL: Editora Hawking

O padrão ortográfico, o sistema de citações e referências bibliográficas são prerrogativas do autor. Da mesma forma, o conteúdo da obra é de inteira e exclusiva responsabilidade de seu autor.



A Revista Evidência está sob os direitos da Creative Commons 4.0
https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/deed.pt_BR

NOTAS DO EDITOR

Para baixar o PDF de cada artigo da Revista Dimensão a partir do seu smartphone ou tablet, escaneie o QR code publicado na capa da revista, o qual irá remeter para a página da editora, local onde se encontra a mostra da versão impressa.

Revista Evidência / Editora Hawking

- Vol 8, n.2 (2022) – Maceió – AL: Editora Hawking, 2022 –
Trimestral

ISSN 2675-5238

1. Revista Dimensão – Periódicos I. Brasil, Editora Hawking

2022 Editora Hawking

Avenida Fernandes Lima, N° 08, Farol. Maceió/AL. CEP 57057-450
Disponível em: www.editorahawking.com.br
editorahawking@gmail.com

DIREÇÃO EDITORIAL

Dr^a Betijane Soares de Barros

Instituto Multidisciplinar de Alagoas – IMAS

<http://lattes.cnpq.br/4622045378974366>

CONSELHO EDITORIAL

Dr^a. Adriana de Lima Mendonça

Graduada em Ciências Biológicas pela Universidade Federal de Alagoas (UFAL, 2001)

Mestre em Química e Biotecnologia pela Universidade Federal de Alagoas (UFAL, 2004)

Doutora em Ciências pela Universidade Federal de Alagoas (UFAL, 2009)

Pós-doutorado em Biotecnologia através do Programa Nacional de Pós Doutorado (PNPD/RENORBIO/CAPES, 2014)

<http://lattes.cnpq.br/0381713043828464>

Dr. Anderson de Alencar Menezes

Licenciado em Filosofia pela Universidade Católica de Pernambuco (UNICAP, 1998)

Bacharel em Teologia pelo Centro Unisal - Campus Pio XI (São Paulo) (UNISAL, 2002)

Mestre em Filosofia pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE, 2005)

Doutor em Ciências da Educação pela Universidade do Porto (UPORTO, Portugal, 2009)

<http://lattes.cnpq.br/3996757440963288>

Dr^a. Andrea Marques Vanderlei Fregadoli

Bacharel em Farmácia pelo Centro de Ensinos Superiores de Maceió (CESMAC, 1999)

Licenciada em Educação Física pela Universidade Claretiano (CLARETIANO, 2019)

Tecnóloga em Análise e Desenvolvimento de Sistemas pela Universidade Estadual de Ciências da Saúde de Alagoas (UNCISAL, 2015)

Especialista em Nutrição Materno-Infantil pela Unyleya Editora e Cursos S/A, (UNYLEYA, 2017)

Especialista em Psicopedagogia Clínica e Institucional pela Unyleya Editora e Cursos S/A, (UNYLEYA, 2017)

Especialista em Farmácia Clínica Direcionada à Prescrição Farmacêutica pela Unyleya Editora e Cursos S/A, (UNYLEYA, 2017)

Especialista em Análises Clínicas pela Unyleya Editora e Cursos S/A, (UNYLEYA, 2016)

Especialista em Plantas medicinais: manejo, uso e manipulação pela Universidade Federal de Lavras (UFLA, 2001)

Especialista em Farmacologia: Atualizações e Novas Perspectivas pela Universidade Federal de Lavras (UFLA, 2002)

Mestre em Modelagem Computacional de Conhecimento pela Universidade Federal de Alagoas (UFAL, 2011).

Doutora em Ciências pela Universidade Federal de Alagoas (UFAL, 2015).

<http://lattes.cnpq.br/5455567894430418>

Dr. Anildo Monteiro Caldas

Doutor em Agronomia pela Universidade Estadual Paulista - FCAV/UNESP (2015), com período sanduíche em Universidad de Valladolid - Espanha, área de concentração "Ciência do solo / Linha de pesquisa Engenharia de água e solo". Mestre em Engenharia Agrícola e Ambiental pela Universidade Federal Rural de Pernambuco (2007), área de concentração "Engenharia de Água e Solo / Linha de pesquisa Solo e Geoprocessamento". Formado em Agronomia pela Universidade Federal Rural da Amazônia (2004). Atual como professor Adjunto do Departamento de Tecnologia Rural da UFRPE. Tem experiência em Extensão Rural e Estágio de Vivência Rural Geoprocessamento, Sensoriamento Remoto, Manejo Integrado de Bacias Hidrográficas, Cartografia, SIG e Avaliação e Perícias Rurais.

<http://lattes.cnpq.br/6543959400281255>

Dr. Eduardo Cabral da Silva

Graduado em Meteorologia pela Universidade Federal de Alagoas (UFAL, 2006)

Graduado em Matemática pelo Centro de Ensinos Superiores de Maceió (CESMAC, 2015)

Mestre em Meteorologia pela Universidade Federal de Alagoas (UFAL, 2010)

Doutor em Engenharia Civil pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE, 2018)

<http://lattes.cnpq.br/2609068900467599>

Dr. Fábio Luiz Fregadoli

Bacharel em Zootecnia pela Universidade Estadual de Maringá (UEM, 1996)

Mestre em Zootecnia pela Universidade Estadual de Maringá (UEM, 2000)

Doutor em Zootecnia pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (UNESP, 2004)

<http://lattes.cnpq.br/7986638670904115>

Dr^a. Jamyle Nunes de Souza Ferro

Bacharel em Farmácia pela Universidade Federal de Alagoas (UFAL, 2009)

Mestre em Ciências da Saúde pela Universidade Federal de Alagoas (UFAL, 2012)

Doutora em Ciências da Saúde pela Universidade Federal de Alagoas (UFAL, 2016)

Pós-doutorado pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE, 2018)

<http://lattes.cnpq.br/2744379257791926>

Dr^a. Laís Agra da Costa

Graduada em Ciências Biológicas na Universidade Federal de Alagoas (UFAL, 2011)

Mestre em Ciências da Saúde pela Universidade Federal de Alagoas (UFAL, 2014)

Doutora em Ciências Biológicas (Biofísica) pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ, 2018)

<http://lattes.cnpq.br/2066151967059720>

Dr. Patrocínio Solon Freire

Graduado em Filosofia pela Universidade Católica de Pernambuco (UNICAP, 2000)

Bacharel em Teologia pela Universidade Pontifícia Salesiana (UPS- Itália, 2004)

Especialista em Comunicação Social pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP, 2004)

Especialista em Gestão Educacional pelas Faculdades Integradas Olga Mettig (FAMETTIG, 2006)

Mestre em Educação pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE, 2009)

Doutor em Educação pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE, 2014)

<http://lattes.cnpq.br/5634998915570816>

Dr. Rafael Vital dos Santos

Licenciado em Ciências Biológicas pela Universidade Federal de Alagoas (UFAL, 2006)

Bacharel em Ciências Biológicas pela Universidade Federal de Alagoas (UFAL, 2010)

Especialista em Diagnóstico Molecular pela Faculdade Pernambucana de Saúde (FPS, 2014)

Mestre em Ciências da Saúde pela Universidade Federal de Alagoas (UFAL, 2010)

Doutor em Materiais pela Universidade Federal de Alagoas (UFAL, 2014)

<http://lattes.cnpq.br/3000684462222111>

AVALIADORES DESTE NÚMERO

Dr^a. Andrea Marques Vanderlei Fregadolli

<http://lattes.cnpq.br/5455567894430418>

Dr. Anildo Monteiro Caldas

<http://lattes.cnpq.br/6543959400281255>

Dr. Eduardo Cabral da Silva

<http://lattes.cnpq.br/2609068900467599>

Dr. Fábio Luiz Fregadolli

<http://lattes.cnpq.br/7986638670904115>

Dr^a. Laís Agra da Costa

<http://lattes.cnpq.br/2066151967059720>

Dr^a. Lucy Vieira da Silva Lima

<http://lattes.cnpq.br/0010369315381653>

Dr. Rafael Vital dos Santos

<http://lattes.cnpq.br/3000684462222111>

EDITORIAL

A Revista Dimensão (ISSN 2675-5238) iniciada em 2020, é um periódico multidisciplinar trimestral, conta com artigos originais e de revisão da área da educação, saúde, gestão, direito, ciências, administração, tecnologia e outros, desenvolvidos em mestrados e doutorados acadêmicos, por profissionais de instituições públicas e privadas, nacionais e internacionais. O objetivo da Revista Dimensão é promover o caráter científico, com enfoque no sujeito, entre pesquisadores, graduandos e de pós-graduação que atuam em diferentes áreas do conhecimento. Os artigos encaminhados serão submetidos à avaliação da Assessoria Científica que decidirá sobre a conveniência da publicação, orientando aos autores sugestões e possíveis correções.

De acordo com a política de acesso público e de direitos autorais adotada pela Revista Dimensão, que utiliza a Licença Creative Commons - CC BY, que permite que outros distribuam, remixem, adaptem e criem a partir do meu trabalho, mesmo para fins comerciais, desde que atribua o devido crédito pela criação original. Deste modo, cedo à revista o direito de primeira publicação, com reconhecimento da autoria e publicação inicial nesta revista.

A Revista Dimensão é uma publicação periódica editada com o intuito de disseminar o conhecimento científico e promover o progresso da ciência. Esperamos que os textos publicados contribuam para a formação intelectual e a reflexão crítica.

Betijane Soares de Barros

SUMÁRIO

TIC,s : UMA ALTERNATIVA PEDAGÓGICA PARA O LETRAMENTO DE DEFICIENTES AUDITIVOS EM SALA DE AULA REGULAR	01
María Vanisia J. da Silva dos Santos Ivonise Maria Cordeiro Mascarenhas Rosemaire Mascarenhas Costa Ana Lúcia Nogueira da Silva Nascimento Luiz Carlos Bastos Da Rocha Avelina Pereira Barros	
A ADAPTAÇÃO E O ACOLHIMENTO NA EDUCAÇÃO INFANTIL SOB O OLHAR DA COMUNIDADE ESCOLAR	12
Débora Santos da Silva Glaciene dos Santos Erienne Gomes dos Santos	
DIFICULDADE NA LEITURA E ESCRITA DO 3º AO 5º ANO NA ESCOLA JOSEF BERGMANN NO CENÁRIO PANDÊMICO	32
Ellen Caroline Santos Izuino	
EDUCAÇÃO INFANTIL: UMA ANÁLISE DO PROCESSO DE ADAPTAÇÃO DA CRIANÇA EM DUAS ESCOLAS DE PENEDO ALAGOAS	51
Fernanda da Silva Santos Grazielle Lima dos Santos Sandra Cristina de Sousa Alves	
AUTISMO E EDUCAÇÃO: A INCLUSÃO DO ALUNO AUTISTA EM DUAS ESCOLAS MUNICIPAIS DE ENSINO REGULAR DA CIDADE DE PENEDO ALAGOAS	64
Flávia Maria dos Santos Gleide Selma Lima Ferreira	



Esta obra está sob o direito de
Licença Creative Commons
Atribuição 4.0 Internacional.

TIC,s :UMA ALTERNATIVA PEDAGÓGICA PARA O LETRAMENTO DE DEFICIENTES AUDITIVOS EM SALA DE AULA REGULAR

*Maria Vanisia J. da Silva dos Santos*¹

*Ivonise Maria Cordeiro Mascarenhas*²

*Rosemaire Mascarenhas Costa*³

*Ana Lúcia Nogueira da Silva Nascimento*⁴

*Luiz Carlos Bastos Da Rocha*⁵

*Avelina Pereira Barros*⁶

RESUMO

É crescente o número de pesquisas desenvolvidas tratando das questões de ensino e aprendizagem de alunos com deficiência auditiva em sala regular. As investigações têm se desenvolvido por meio de diferentes tendências. Neste trabalho, abordarei as TCI,s como uma alternativa pedagógica para o letramento de deficientes auditivos. Com o uso das tecnologias o aluno terá a oportunidade de desenvolver o letramento interagindo e manifestado sua participação social através dos recursos midiáticos. Em virtude da existência de recursos tecnológicos tão potentes disponibilizados para o uso humano e conseqüentemente da educação, visou-se examinar sua aplicabilidade no processo educacional em sala de aula com alunos em processo de inclusão.

PALAVRAS CHAVES: deficiente auditivo; letramento; ensino; TCI,s.

¹ Pedagoga pela UAG/UFRPE, especialista em Mídia na Educação pela UFPE e psicopedagoga pela UPE, atuando como profa. da Educação Básica. Email: vanisia.silva@outlook.com

² ivonisemcm@hotmail.com

³ rosemaire.rosas@hotmail.com

⁴ ananogueiraa@gmail.com

⁵ luizcarlosbastosjr@hotmail.com

⁶ avelina.pereira@hotmail.com

1 INTRODUÇÃO

O Brasil constitui-se um país de povos plurais, no entanto, o diferente¹, geralmente se encontra a margem da sociedade. Nesse contexto, “os diferentes”, buscam um lugar de destaque lutando pelos seus direitos e reconhecimento social, enfim, buscam a inclusão.

Fazer parte de uma sociedade que exclui, torna-se difícil, quando se é diferente, pois a inclusão deixa de ser uma preocupação de governantes e passa a ser uma questão fundamentalmente social. Incluir-se e fazer parte, nessa perspectiva torna-se uma questão complexa, se a sociedade não estiver aberta para o novo.

As pessoas com deficiência, por exemplo, são discriminadas em função da diferença que apresentam e apesar de já existirem inúmeras políticas públicas que viabilizam os direitos para essas pessoas e da constituição reger que não deve haver quaisquer forma de discriminação, a sociedade ainda continua excluindo.

O artigo 5º da constituição federal (1988, p.15) diz:

Todos são iguais perante a lei, sem distinção de qualquer natureza, garantindo-se aos brasileiros e aos estrangeiros residentes no país a

inviolabilidade do direito a vida, a liberdade, a igualdade, a segurança e a propriedade.

É impressionante como atua a sociedade, pois para se fazer valer um direito do cidadão, este deve está previsto em lei e mesmo assim, muitas vezes, esse direito é ignorado. No caso das pessoas com deficiência, a sociedade é a primeira a excluir, mesmo a constituição mostrando que independente de qualquer natureza, todos são iguais. A escola não age diferente, mesmo sendo a instituição designada para ministrar um ensino coletivo, para todos, ela ainda acaba excluindo, pois sofre vultosas pressões para lidar com a diversidade que terá que atender. De acordo com Rodrigues (2003, p.91-92):

A escola foi (é?) uma fonte de exclusão para muitos alunos que, quase sempre, viram confundidos com “falta de motivação”, “indisciplina”, ou “falta de inteligência” a incompatibilidade entre seus valores, ritmos e interesses com os que eram veiculados na escola.

No âmbito educacional políticas públicas tem sido implementadas e repensadas com o fito da escola se tornar

¹ De acordo com o minidicionário escolar Aurélio, p.235, diferente quer dizer: que não é igual, que difere, desigual.

inclusiva e para que os preceitos constitucionais realmente fluam trazendo uma visão de sociedade justa e igualitária e mesmo assim, a realidade com a qual se depara esses alunos na escola encontra-se distante daquela descrita, por exemplo, na Lei de diretrizes e bases da educação, nº 9.394/96, determina que a LIBRAS faça parte do currículo de ensino. Apesar da exigência, em muitas escolas a lei não é cumprida, a libras não é oferecida nem ao menos faz parte do currículo da rede de ensino, o profissional continua despreparado e o ambiente escolar continua segregador. O que se pode notar, é que as práticas educacionais apontam efeitos devastadores, o fracasso escolar se torna frequente e crescente e os alunos sofrem por não existir na escola profissionais que valorizem e que trabalhem com a diferença.

Diante dessas colocações, o termo inclusão remete a escola e professores alguns sentimentos negativos, tais como: é uma experiência nova, não estou preparado, não estou capacitado para incluir, não vou saber ensinar, dentre outros, tornando indiferentes as diferenças. O termo inclusão deveria fluir como um olhar para a mudança, para a adaptação de velhos hábitos, para a quebra de paradigmas e para a transformação da realidade escolar em vista aos alunos com necessidades educacionais especiais, pois está se tratando de necessidades específicas

de alunos no que diz respeito a aprendizagem e não de uma prática médica. O profissional da educação tem o importante papel de está na escola para atuar na prática pedagógica, buscando subsídios para transformar a realidade escolar e sanar a necessidade que o aluno trouxe consigo. Porém, pode-se dizer que, a transformação da realidade escolar só será possível se a sociedade se tornar mais solidária, mais igualitária e se o ensino de qualidade realmente passar a ser um direito de todos, em qualquer instância, seja ela pública ou privada. Daí surge a seguinte indagação: pode a escola ser inclusiva numa sociedade que não é? A resposta a essa pergunta é simples: Eduque para a cidadania. Se é na escola que se educa para a cidadania, porque ao invés de se estar conscientizando para que o diferente seja visto como “normal” em relação aos alunos com necessidades educacionais especiais, infelizmente, se está procurando documentos com diagnósticos médicos para justificar a não aprendizagem da criança e camuflando a falta de ação do professor em um trabalho educacional e pedagógico? Na maioria dos casos, a camuflagem da ação está embutida em um diagnóstico, visualizando o estudante como um incapaz.

A criança surda, por exemplo, sofre prejuízo devido a não escutar, ficando restrita aos direitos de aprender e

comprometendo sua escolaridade, visto que sua deficiência está sendo julgada pela ótica clínica-terapêutica. É necessário entender, que a surdez não prejudica em nada sua capacidade intelectual, o que vai dificultar sua aprendizagem é a falta de ação do profissional em procurar condições para lidar com a dificuldade da criança e fazê-la aprender. Logo, apenas garantir o acesso do aluno especial em uma escola regular, não basta, tem que se garantir os direitos e a aprendizagem.

Vários são os caminhos para incluir e a escola é um deles, por isso, me proponho a pesquisar como se dá a alfabetização de crianças surdas na escola regular, de forma que as mesmas alcancem um desempenho satisfatório e cheguem a tão esperada aprendizagem.

Assim, o presente artigo tem o objetivo de pesquisar quais profissionais da educação estão habilitados para receber em sua sala de aula alunos com deficiência auditiva e que trabalhos de cunho educacional e pedagógico estão sendo aplicados para que esses alunos de fato aprendam?

Para entender melhor a temática abordada, o artigo será dividido em dois tópicos: o primeiro observará o profissional que atua na educação do surdo e o segundo falará sobre os trabalhos pedagógicos na sala de aula para os surdos. Em seguida, as considerações finais.

METODOLOGIA

Trata-se de uma revisão de literatura tradicional, não sistemática, descritiva, de natureza qualitativa e bibliográfica, já que a análise se realizou em diversas fontes de pesquisas como conteúdo de livros, artigos científicos, sites, dissertações, teses e bibliográficas virtuais.

2 EDUCAÇÃO INCLUSIVA DE CRIANÇAS SURDAS

Com o acentuado desenvolvimento da sociedade e a evolução tecnológica é notável as transformações pelas quais a educação tem passado nas últimas décadas. Nestas transformações insere-se também, o ensino de crianças surdas, que necessitam de uma comunicação, seja ela a fala ou a língua de sinais, pois é essa comunicação que unirá o indivíduo ao mundo.

Todas as tendências de renovação e inovação do letramento de alunos surdos envolvem mudanças de paradigma, percebendo que a postura linear que o professor ocupa, seguindo a risca a exposição do conteúdo, fazendo os exercícios de fixação e avaliando, já há muito tempo, não responde às necessidades dos estudantes deficientes.

A criança ao adentrar o ambiente escolar, começa a receber uma gama de informações, típicas do ambiente. Essas

informações são transmitidas através da fala. A preocupação agora está em incluir. Como lidar com os alunos deficientes auditivos em sala regular? Como letrar esses alunos? Os professores que os recebem estão preparados para o desafio da inclusão? Como incluir sem excluir? A questão se torna complexa, pois vivemos em uma sociedade, onde o que não é considerado normal, geralmente tende a ser discriminado, excluído e intolerável.

As pessoas que possuem algum tipo de deficiência são identificadas como incapaz e essa diferenciação em relação aos alunos ditos normais acabam por definir um lugar nada sociável para os deficientes: lugar de exclusão. A escola então, local apropriado para fazer a diferença e ensinar ser cidadão acaba sofrendo inúmeras pressões para poder agir de acordo com os novos tempos e melhorar a qualidade de ensino que deve ser oferecido ao público diferenciado que está prestes a atender. Dentro desse contexto, é necessário, criar um ambiente de ensino que desenvolva no profissional de educação a competência de refletir sua ação. Quando a reflexão para o ensino não acontece, qualquer método utilizado poderá vir a ser um fracasso, pois o agente multiplicador não conseguirá estabelecer significado ao aprendizado do alunado e a sua metodologia não atingirá o processo de escolarização.

As metodologias embasadas para serem utilizadas com o deficiente requer um planejamento e ensino específico para que este atinja o alvo: a aprendizagem do aluno.

Pedroso (2001, p.22), parafraseando Skliar (1988) diz:

Os métodos de ensino só poderão ser adequados às necessidades especiais dos alunos surdos se forem capazes de incorporar o modo de viver dos surdos, portanto deverão ser organizados com a participação do surdo adulto ou professor surdo, na educação, e com a presença de profissionais capacitados em Libras.

Sendo assim, como pode o profissional da educação embasar um método que ele em si não domina e não está capacitado, se não houver um surdo adulto ou professor surdo que lhe auxilie na aplicabilidade do método? Embora esta ideia já esteja bastante difundida em relação ao comportamento do professor, neste trabalho falaremos sobre a atuação do mesmo em sala de aula e métodos que são adotados para o desenvolvimento do letramento pelos alunos com deficiência auditiva. É neste encaminhamento que penso que, para assegurar uma aprendizagem reflexiva de conteúdos centrada no letramento em conexão com os recursos midiáticos, que se faz necessário

que o profissional esteja apto a trilhar caminhos que busquem a integração, para que as trocas entre os envolvidos na educação sejam significativas, flexíveis e aconteçam em torno de objetos concretos de aprendizagem.

2.1 ATUAÇÃO PROFISSIONAL

Apesar de a educação inclusiva envolver outras áreas de ordem motora, cognitiva e sensorial, é preciso deixar claro que este artigo irá se deter apenas a ordem sensorial auditiva. Para isso, falarei um pouco sobre o profissional que atua nessa área.

O profissional da educação hoje é um dos principais mentores da aprendizagem dos alunos com deficiência, pois é ele quem atua diretamente, buscando desenvolver diferentes formas de acesso ao objeto de conhecimento. Porém, é importante ressaltar que alguns profissionais ainda sentem-se despreparados para a atuação com alunos deficientes, deixando a culpa da despreparação para a escola que segundo eles, não disponibilizam recursos e nem formação continuada que assegure condições de trabalho para com essas crianças. Se profissional sente-se inseguro, então quando é que ele vai está preparado? E o que fazer enquanto essa preparação não chega?

Uma atuação profissional próspera deve levar em conta que o processo de alfabetização da criança surda será mais complexo que de uma criança ouvinte e por isso, requer atividades específicas imprescindíveis para o desenvolvimento e o conhecimento do aluno, pois o desafio está justamente em pensar a diferença como parte ativa do processo de aprendizagem. Pensar e planejar intervenções pedagógicas que mobilizem o processo de ensino – aprendizagem é competência da escola. Alguns passos precisam ser seguidos, não como receita, mas como uma possibilidade para a mudança de paradigmas. O primeiro passo para vencer os desafios da inclusão é conhecer as salas de apoio do Atendimento Educacional Especializado (AEE), que é garantido ao educador. O segundo passo é conhecer as limitações do seu aluno e no caso particular da surdez, saber que a pessoa percebe e compreende o mundo por meio da visão, ou seja, todo o aprendizado estará pautado no significado das imagens que serão exploradas para a construção do conhecimento.

Uma das situações embaraçosas para o professor é onde localizar o aluno com surdez na sala, se na primeira banca ou deve ter um lugar em específico para tal. A princípio é bom deixar o aluno a vontade para que ele escolha onde quer sentar, no entanto, se faz necessário que o professor observe se o local escolhido é adequado pra

o aluno visualizar seu interlocutor, pois, alguns sujeitos já são usuários de aparelho auditivo ou implante coclear, outros fazem leitura labial, comunicam-se com gestos ou mímicas e outros usam a língua de sinais, os surdos bilíngues, logo, cada caso em particular, requer uma atenção singular para que a aprendizagem aconteça. De acordo com Quadros e Schmiedt (2006, p.19), “a educação bilíngue depende da presença de professores bilíngues”. E nas nossas escolas muitas vezes não as temos. Daí o desafio para o professor, que se não estiver capacitado, além de polivalente ainda terá que atuar como intérprete, algo difícil de fazer se não levar em consideração cada um desses contextos e nem conhecer ou praticar a língua dos sinais. A indagação é como partir para o aprendizado na íntegra, se não se sabe por onde começar? O português é uma língua oral auditiva e a libras é visual espacial [...]. Isso implica dizer, que a criança para adquiri-la, precisa ter um contato com um usuário (BRASIL, 2012, p.31). Logo o ponto de partida para a alfabetização de uma criança surda está na língua que ela utiliza para compreender os assuntos abordados.

É interessante que antes que a criança surda aprenda e escreva o português, idioma utilizado no Brasil, é

imprescindível que antes, ele exponha-se em sinais, ficando a língua portuguesa como segunda língua. Nessa perspectiva, o aluno surdo torna-se bilíngue e o fracasso da não aprendizagem da língua portuguesa pode transformasse em superação.

Enfim, é necessário viver a educação inclusiva como uma proposta social que esteja atenta as limitações significativas do indivíduo em todos os aspectos, desde a atuação profissional até as habilidades conceituais, sociais e práticas.

2.2 AS TIC, S E A ALFABETIZAÇÃO DOS ALUNOS COM SURDEZ: O QUE MUDA NA MANEIRA DE ENSINAR E APRENDER COM A CHEGADA DA WEB²?

A humanidade está vivendo um momento histórico: a introdução das tecnologias de comunicação nas velhas práticas educativas. Já se pensava em uma nova forma de ensinar e aprender no contexto escolar e com a chegada da era digital novas possibilidades e desafios entra de carona com a tecnologia dentro da sala de aula. Logo, percebe-se que as novas tecnologias são mais que um fato passageiro, elas vieram para ficar. Ficou, tomou espaço e hoje está na maioria dos

² De acordo com o dicionário Aurélio significa sistema de hipermídia disponível na *internet*, com

Santos, Mascarenhas, Costa, Nascimento, Rocha Barros. et al.

documentos e outros objetos localizados em pontos diversos da rede e vinculados entre si.

lares e locais públicos. Essas tecnologias, além de atrativas trazem consigo atividades desafiadoras, favorecendo ao aluno autonomia e estratégias que propiciam o desenvolvimento escolar. É desse aparato que a comunidade surda necessita para apropriar-se do sistema escrito e da cultura das narrativas surdas. Segundo Brasil (2014, p.64) “O uso das Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC), principalmente aquelas associadas à internet, possibilitam o acesso a informações e contribuem para a comunicação das pessoas surdas”.

Sem dúvidas a internet trouxe, para a comunidade surda um novo horizonte, um novo sentido, pois através dela as crianças surdas tem acesso a um vasto material em libras que podem as auxiliar na construção de seus conhecimentos escolares. Assim, as TIC,s aparecem como uma ferramenta educacional imprescindível para ser usada no ambiente escolar, pois além de favorecer as formas de comunicação entre os interlocutores ainda contribui para o processo de ensino e aprendizagem com singular importância para as crianças surdas.

Tornou-se evidente o avanço do uso das novas tecnologias, embora o mergulho no espaço das vivências do mundo virtual seja recente. A orientação em relação às novas tecnologias é então que ela seja usada como um meio para se chegar a

objetivos desejados e não como um fim em si mesma.

Os usos da Web se ampliaram e na área do ensino, o acesso à internet que hoje pode ser feito também via celular, vem acarretando grandes mudanças no cotidiano escolar que ainda geram impactos pouco assimilados ou compreendidos pelos principais interessados, professores e alunos.

Entre as tecnologias utilizadas pelas pessoas surdas, destacamos o TDD (Telecommunications Device for the Deaf) – telefones para surdos - os despertadores vibratórios, a babá eletrônica, a campainha luminosa, os telefones celulares para o envio de SMS, as legendas em aparelhos de televisão (close captions), os computadores e todos os artefatos similares. (BRASIL, 2014, p.66)

Alguns professores não se sentem capacitados para aproveitar os recursos que as TIC proporcionam e outros na euforia, fazem uso dele em qualquer atividade sem planejamento nenhum, o que acarreta perda para ambos – professor que não sabe o que está ensinando e aluno que não sabe o que está aprendendo e quando se trata de pessoas surdas, o ensino e o aprimoramento devem centrar-se na reflexão sobre a língua, levando em consideração que a experiência visual é fonte importantíssima para a alfabetização. Para que não hajam

lesados³, é importante que o docente analise com responsabilidade quais conteúdos podem ser ensinados com o uso da tecnologia, para que aconteça o aproveitamento pedagógico e conseqüentemente a aprendizagem, contemplando a diferença surda no processo educacional e contribuindo fortemente para a formação entre ambas as partes. Não se pode esquecer que o educador ainda migra para esse espaço digital, ao passo que muitos alunos já nasceram dentro de uma cultura virtualizada.

À medida que se avança para o futuro, é possível perceber que a aprendizagem está se redefinindo e requer de quem ensina novas formas que se adequem ao momento histórico. As estratégias usadas nas formas tradicionais de ensino já não conseguem mais dar conta da demanda educacional dos novos tempos, exigindo do educador uma reaprendizagem para lidar com os novos recursos.

Não se admite mais professores desanimados e nem alunos sem estímulo, por isso surge à necessidade da reaprendizagem por parte do professor e do desenvolvimento de habilidades tecnológicas por parte do aluno. É a era do professor e aluno em rede e todos independente de deficiência devem estar

envolvidos nas mudanças significativas que estão ocorrendo.

A reaprendizagem do professor deve ser rápida, para que ele consiga tornar os recursos digitais em aliados poderosos na transformação e atualização da prática pedagógica de seu tempo. De acordo com Borba e Penteado:

Reconhecemos que é preciso tempo e um maior comprometimento dos próprios professores e da coordenação da escola para que ocorram mudanças significativas na prática de sala de aula (2003. p.69)

Porém, não se pode demorar muito para que esse comprometimento com a educação aconteça, pois o tempo não pára e a todo instante surgem recursos novos que irão auxiliar na educação e conseqüentemente na sala de aula. São inúmeros os recursos que se pode utilizar, porém mais uma vez deve se chamar a atenção para o como utilizar, pois essas ferramentas devem ter um objetivo e uma reflexão em cada aula a ser ministrada, de forma que os alunos sejam os protagonistas da construção e do conhecimento. Assim ressalta Pretto (2010. p.23):

As tecnologias devem funcionar como estímulo permanente à

³ A palavra lesado é usado aqui como sinônimo de prejudicado.

criação e à produção e não apenas meras ferramentas aprisionadas nas grades da escola, que essas sejam as dos portões dos laboratórios de informática ou a dos currículos.

O acesso às tecnologias deve apresentasse de forma dinâmica, informativa e interativa favorecendo assim, o processo de aquisição da linguagem e contemplando o objetivo do conteúdo a ser abordado, tornando-os ativos, com todas as pessoas que com eles mantêm contato como membros de uma sociedade que os inclui. Dessa forma, o acesso aos recursos tecnológicos deve ser facilitado ao aluno, para que ele deixe de ser espectador e passa a função de ator.

CONCLUSÃO

Apesar de vivermos em um país de diferentes povos, com culturas diferentes e formas diferentes de se viver, a sociedade ainda é segregadora, principalmente quando se fala da inclusão. E na escola não é diferente. Os alunos com necessidades especiais, por exemplo, ainda vivem a margem do público escolar, pois as políticas públicas, não atendem a demanda educacional tão almejada na educação.

Os professores tornam se inativos mediante seu lado profissional, por sentirem-se despreparados para lidar com as tecnologias e com as diferenças. As

atividades escolares pedem mudanças de paradigmas e o professor já não responde às necessidades dos estudantes com deficiência.

Logo, os alunos surdos precisam ter contato com a tecnologia para que os conteúdos sejam aprendidos com maior facilidade, já que sua aprendizagem acontece de forma visual. Porém, se os professores não se sentirem capacitados, para lidar com os alunos com necessidades especiais, nem com os recursos que as TIC,s proporcionam, o ensino será em vão, pois os alunos não percorrem sozinho para o aprendizado, é necessário um mediador para que a aprendizagem aconteça.

Por fim, é importante ressaltar que os professores precisam passar por uma reciclagem para que aprendam a usar as tecnologias e assim, favoreçam as práticas de letramento no ensino- aprendizagem de alunos surdos.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Constituição da República Federativa do Brasil: Texto Constitucional- Brasília: Senado Federal, Subsecretaria de Edições Técnicas,2006.

BRASIL. Secretaria de Educação Básica. Diretoria de Apoio a Gestão Educacional. Caderno de Educação Especial: a alfabetização de crianças com deficiência: uma proposta inclusiva/Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica. Brasília: MEC, SEB, 2012.

____ Diretoria de Apoio a Gestão Educacional. Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa: Educação inclusiva/Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica. Brasília: MEC, SEB, 2014.

BORBA, Marcelo de Carvalho/PENTEADO, Miriam de Godoy. **Informática e educação matemática**. 3ª Ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

Educação inclusiva: as boas e más notícias. In: RODRIGUES, D. (org.). **Perspectivas sobre a inclusão**: da educação a sociedade. Porto, 2003.p.91-92.

PEDROSO, C.C.A. **Com a palavra o surdo**: aspectos do seu processo de escolarização. 2001. 155f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de São Carlos. São Carlos, SP, 2001.

PRETTO, Nelson. **Professor em rede**. Pesquisador do CNPq, Bahia, p.22-23, maio/junho. 2010.

QUADROS,R.M de; SCHMIEDT,M.L.P. **Idéias para ensinar português para alunos surdos**. Brasília, MEC/SEE, SP, 2006.

Esta obra está sob o direito de
Licença Creative Commons
Atribuição 4.0 Internacional.



A ADAPTAÇÃO E O ACOLHIMENTO NA EDUCAÇÃO INFANTIL SOB O OLHAR DA COMUNIDADE ESCOLAR

Débora Santos da Silva ¹

Glaciene dos Santos ²

Eriane Gomes dos Santos ³

RESUMO

O objetivo deste estudo é analisar o processo de acolhimento e adaptação da criança ao ingressar no meio escolar. Especificamente, busca discutir acerca da educação infantil ao longo da história, além de analisar a prática pedagógica do professor e da comunidade escolar em prol do acolhimento e da adaptação, verificando a partir disto, se existe suporte de aprendizagem neste período de inserção. Esta pesquisa se insere numa metodologia qualitativa, pautada pela visão hermenêutica da produção do conhecimento. Para alcançar os objetivos deste estudo foram utilizados dois métodos: a pesquisa bibliográfica – para nos conectarmos a referida temática, estabelecemos um diálogo com a literatura através de buscas de produções científicas no Scientific Electronic Library Online (SciELO) e no Google Acadêmico -- e a pesquisa de campo mediada pela aplicação de um questionário “online” direcionado às quatro professoras, uma coordenadora pedagógica e uma diretora de uma escola da rede pública de um município do estado de Alagoas. Através da realização da análise dos dados obtidos, tornou-se possível compreender que as professoras da referida escola utilizam o lúdico enquanto prática pedagógica para facilitar o processo de acolhimento e adaptação das crianças na Educação Infantil, proporcionando aos alunos momentos de interação, diversão, criação e construção de laços afetivos que contribuem para que as crianças se sintam seguras e amadas no ambiente educacional. Outro aspecto relevante é o extremo cuidado e proteção por partes dos pais, que acaba por dificultar o processo de adaptação das crianças.

PALAVRAS CHAVES: Acolhimento. Adaptação. Educação Infantil.

1 Graduanda em Pedagogia pela Faculdade Raimundo Marinho (FRM); e-mail: dsdeborasantos123@gmail.com

2 Graduanda em Pedagogia pela Faculdade Raimundo Marinho (FRM); e-mail: glacienercc@gmail.com

3 Mestra em Psicologia; Docente da Faculdade Raimundo Marinho (FRM); prof.erianne.santos@frm.edu.br
Silva, Santos, Santos. et al.

INTRODUÇÃO

A educação infantil temporalmente foi adquirindo e conquistando o seu espaço no ambiente educacional e se tornando a primeira etapa da educação básica. Neste percurso as crianças de 0 a 5 anos garantiram o direito de estar em creches e pré-escolas. Muitas delas ao ingressarem nas instituições de ensino passam por um processo doloroso de adaptação, visto que, saem do aconchego familiar e adentram em um novo espaço, até então desconhecido (ALVES, 2017).

Segundo a literatura, este processo de adaptação da criança na educação infantil está intimamente relacionado com a forma que elas são acolhidas pela escola e pelos educadores. Um bom acolhimento, portanto, pode contribuir para que a criança se sinta amada, respeitada e segura no ambiente escolar, já que trabalhar com criança consiste em uma prática pedagógica voltada ao educar com carinho. De acordo com Oliveira (2002, p. 47),

As crianças mais pequenas têm a necessidade de maior zelo, bem como carinho e segurança, além de todos os cuidados básicos necessários a seu amplo desenvolvimento. Esta inserção das crianças no mundo não seria possível sem atividades voltadas

simultaneamente para o cuidar e educar.

É necessário que toda escola esteja empenhada na busca de ações e estratégias que facilitem a adaptação da criança, pois não se trata apenas do acolhimento do professor, mais sim, da escola na totalidade. É importante ainda, que a escola transmita para as crianças e para os pais, confiança e afeto para que ambos possam compreender que a escola se constitui como um espaço não só de ensino aprendizagem mas também um ambiente familiar, onde se tem respeito, carinho e segurança (SILVA, et al., 2020).

É a partir desse cenário e das inquietações que emergiram das nossas experiências de estágio, que esta pesquisa foi delineada. Nossas inquietações partem da observação realizada em algumas escolas, em que foi possível perceber que algumas crianças ao ingressarem no espaço escolar pela primeira vez, passam por um período doloroso de adaptação, uma vez que, saem do convívio familiar e se deparam com um novo ambiente que até o momento para elas é incomum.

Nesta conjuntura foram definidos os objetivos desta pesquisa que consistem em analisar o processo de acolhimento e adaptação da criança ao ingressar no meio escolar. Especificamente, busca discutir acerca da educação infantil ao longo da

história, além de analisar a prática pedagógica do professor e da comunidade escolar em prol do acolhimento e da adaptação, verificando a partir disto, se existe suporte de aprendizagem neste período de inserção, considerando sobretudo, o período pandêmico.

Para alcançar tais objetivos, lançamos mão de dois métodos para compor o *corpus* deste estudo: a pesquisa bibliográfica – para nos conectarmos a referida temática, estabelecemos um diálogo com a literatura por meio de buscas de produções científicas no Scientific Electronic Library Online (SciELO) e no Google Acadêmico -- e a pesquisa de campo mediada pela aplicação de um questionário “on-line” direcionado às quatro professoras, uma coordenadora pedagógica e uma diretora de uma escola da rede pública de um município do estado de Alagoas.

Vale salientar ainda que, em termos de relevância científica, este trabalho busca contribuir na reflexão crítica acerca do processo de acolhimento e de adaptação da criança na educação infantil, além de propiciar novas discussões e possibilidades de investigações que inspirem a construção de ações pedagógicas capazes de atenuar as dificuldades.

Após apresentarmos os objetivos dessa pesquisa e situarmos o cenário em

que ela foi desenvolvida, finalizamos essa introdução explanando como o artigo está estruturado. O primeiro capítulo trata dos aspectos teóricos, históricos e conceituais da educação infantil, situando a prática pedagógica no processo de acolhimento e de adaptação, além dos desafios impostos pelo período pandêmico. Já o segundo capítulo aborda o percurso metodológico em que são descritos os passos para o delineamento da pesquisa. O terceiro e quarto capítulo versam sobre os resultados e discussões estabelecidos a partir da análise das informações coletadas. Por fim, são apresentadas as considerações finais.

A HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO INFANTIL

Para falar do processo de adaptação e acolhimento da criança na educação infantil é necessário, sobretudo, entender o seu conceito e implicações históricas. Nos dias atuais a educação infantil é reconhecida como uma importante etapa da educação básica em que as crianças de 0 a 5 anos podem ingressar nas creches ou pré-escolas. Contudo, nem sempre foi assim. No período medieval a criança e a família não eram valorizadas pela sociedade e desde muito cedo a criança já teria que aprender a trabalhar “[...] para aprender os

trabalhos domésticos e valores humanos, mediante a aquisição de conhecimento e experiências práticas” (MENDONÇA, 2012, p. 17). Desta maneira não existia vínculo entre pais e filhos nem distinção entre crianças e adultos.

Essa visão que se tinha da criança passa a mudar social e intelectualmente após a Idade Moderna, a Revolução Industrial, o Iluminismo e a constituição de estados laicos. Ainda assim, apenas as crianças nobres tinham um tratamento diferenciado. E é nesta conjuntura que surge o Pedagogo, a pessoa responsável por conduzir a criança na escola (ALVES, 2017).

De acordo com Fraboni (1998, p.68) “a etapa histórica que estamos vivendo, fortemente marcada pela transformação, tecnológica – científica e pela mudança ético-social, cumpre todos os requisitos para tornar efetiva a conquista do salto na educação da criança, legitimando-a finalmente como figura social, como sujeito de direitos, enquanto sujeito social”.

Partido desse pressuposto pode-se entender que só depois das mudanças sociais, tecnológicas e científicas foi que as crianças passaram a serem vistas com individualidade, ou seja, diferentes dos adultos a partir de suas peculiaridades. Esse fato, portanto, contribuiu para que a educação infantil fosse reconhecida como

um direito de atuação da criança no espaço escolar, porém na educação pública essa modalidade de ensino levou algum tempo para ser garantida (ALVES, 2017).

No Brasil a educação pública só teve início no século XX e durante várias décadas a pré-escola passou por diversas transformações, felizmente graças à Constituição de 1988, a criança foi colocada no lugar de sujeito de direitos e a educação infantil foi incluída no sistema educacional. Considerando o art.205 da constituição que diz:

A educação, direito de todos e dever do Estado e da família, será provida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e a sua qualificação para o trabalho (BRASIL, 1988, p. 1).

Considerando a constituição nota-se que a criança passa a ser vista na sociedade como cidadão de direitos, sendo o Estado e a família, os agentes responsáveis pelo cumprimento do que a lei determina, a saber: o direito de frequentar instituições de ensino, objetivando o seu pleno desenvolvimento cognitivo.

Em meados dos anos 90, ocorreu uma ampliação sobre a concepção de criança. Agora se procura entender a

criança como um ser sócio-histórico, em que a aprendizagem se dá pelas interações entre a criança e seu entorno social. Essa perspectiva sociointeracionista tem como principal teórico Vigotsky, que enfatiza a criança como sujeito social, que faz parte de uma cultura concreta (OLIVEIRA, 2002).

Outrossim, nota-se que as crianças ao ingressarem na escola já possuem conhecimentos prévios que adquirem na sociedade e da cultura da qual elas fazem parte, assim sendo é através da interação que as crianças compartilham conhecimento e adquirem aprendizagem de forma dinâmica com a mediação do professor (OLIVEIRA, 2002).

O conceito de criança é fortalecido com a criação de leis como o ECA (Estatuto da Criança e do Adolescente) e a nova LDB (Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional) n.º 9394/96 que conceitua o ensino infantil como a primeira etapa da educação básica. Essa lei atribui a responsabilidade do ingresso da criança na educação infantil à família. Em seguida no ano de 1988 é criado o RCNEI (Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil) esse documento foi concebido como um guia para orientar o trabalho do profissional da Educação Infantil. Conforme o art. 29 da LDB,

Foram destinadas às crianças de até seis anos de idade, com a finalidade de complementar a ação da família e da comunidade, objetivando o desenvolvimento integral da criança nos aspectos físicos, psicológicos, intelectuais e sociais. Isto nos remete à questão da formação humana [...], mas que ressalta a necessidade de promover o processo humanizado da criança. Esse processo requer e implica em um projeto de educação infantil fundamentado em um conceito de educação para a vida, pois ele dará os recursos cognitivos iniciais para o pleno desenvolvimento da vida da criança (MENDONÇA, 2012, p. 42).

Neste sentido a educação infantil torna-se uma etapa de fundamental importância para o desenvolvimento humano da criança, pois nesta fase ela passa a desenvolver suas capacidades cognitivas, principalmente a partir do contato com o meio em que ela está inserida. Deste modo, a escola tem a responsabilidade de receber essas crianças de forma acolhedora e os educadores devem estar preparados para as acolher com afeto, pois é o momento em que elas saem do aconchego familiar e adentram em um novo espaço.

1.1 A PRÁTICA PEDAGÓGICA DO PROFESSOR PARA ACOLHER A CRIANÇA NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Com a garantia do direito à educação infantil as crianças passaram a frequentar as instituições de ensino, mas quando se fala neste processo de inserção logo remete um questionamento: será que as escolas e os professores estão preparados para acolher esse público? É importante explicitar que a criança quando adentra na educação infantil ela passa por um processo de adaptação, uma vez que, elas saem do aconchego dos seus lares e da afetividade da família. Por isso, a maneira como a criança é acolhida na educação infantil é algo marcante em sua vida que contribui para que ela possa progredir ou regredir. Neste enfoque Ladwing, Goi e Souza (2013), afirmam que:

A educação infantil pode representar na vida de uma criança uma experiência rica que trará sempre lembranças agradáveis, como também pode ser geradora de muitos problemas, por esta razão, a necessidade de acolher bem a criança no ingresso à escola. Ela chega à escola com medos, angústias, inseguranças, pois é um ambiente novo. Enfim, todo um processo novo de adaptação que terá que ter um ambiente acolhedor e prazeroso para que,

aos poucos, vá superando esses sentimentos. Também para a escola, professores e pais é um período de adaptação. Nesse sentido, os vínculos afetivos entre família e escola precisam ser construídos para que a criança sinta que a família tem uma relação de confiança em relação aos seus novos cuidadores (p.12-13).

Seguindo esse viés, é possível constatar que a afetividade é fundamental na educação infantil. Por isso, é necessário que o educador interaja com a criança e se mostre atencioso para ela sentir segurança e desenvolva a capacidade de construir um vínculo permeado de afeto e confiança. Sobre esse contexto Reda e Ujiiie (2009) afirmam que:

Criar um clima propício de aproximação não é tão simples. É preciso um olhar cuidadoso e atento para perceber o que aproxima as crianças. Esse tipo de ação contribui para a consolidação de vínculos afetivos e de vivência. Nesses casos, o que está em jogo é o exercício da convivência, são as pequenas ações que fazem prevalecer à comunhão de uns com os outros, a socialização, enfim a efetivação do processo de adaptação de sucesso (REDA; UJIIIE, 2009, p.10 087).

Considerando a citação mencionada anteriormente, é pertinente

que os educadores mantenham um olhar diferenciado para cada educando, buscando perceber as carências de cada aluno para manter e/ou construir uma relação proximal, passando segurança e contribuindo para que haja de fato afeto e a criança possa ir se adaptando gradativamente. É importante também que o educador adote um planejamento que busque agradar à criança contribuindo para que a sala de aula se torne um espaço de interação, confiança e aprendizagem. Quanto a este aspecto o Referencial Curricular Nacional da Educação Infantil (RCNEI) (1998) argumenta que,

O professor pode planejar a melhor forma de organizar o ambiente nestes primeiros dias, levando em consideração os gostos e preferências das crianças, repensando a rotina em função de sua chegada e oferecendo-lhes atividades atrativas. Ambientes organizados com material de pintura, desenho e modelagem, brinquedos de casinha, baldes, pás, areia e água etc., são boas estratégias (RCNEI, 1998, p.82).

Nessa perspectiva é interessante que os educadores planejem as atividades de forma dinâmica utilizando metodologias variadas que despertem a atenção das crianças, para que elas possam se sentir bem no ambiente educacional, aprendendo através das brincadeiras e demais estratégias lúdicas.

É necessário enfatizar que o acolhimento das crianças não pode ser apenas nos primeiros dias de aula mais sim, durante todo o cotidiano educacional. Gisele Ortiz (2000) explica que:

O acolhimento traz em si a dimensão do cotidiano, acolhimento todo dia na entrada, acolhimento após uma temporada sem vir à escola, acolhimento quando algum imprevisto acontece e a criança sai mais tarde, quando as outras já saíram, acolhimento após um período de doença, acolhimento por que é bom ser bem recebida e sentir-se importante para alguém (ORTIZ, 2000, p.4).

O educador afetivo demonstra prazer em suas atividades, busca planejar suas aulas de maneira atrativa, usando principalmente o lúdico como o principal recurso em sua prática pedagógica, pois através das brincadeiras as crianças interagem com mais intensidade. Esta conduta possibilita a construção e a manutenção de uma relação construtiva em sala de aula onde há espaço para o respeito, cuidado, cumplicidade e aprendizagem significativa. De acordo com Chalita (2001, p.162),

para que possa transmitir afeto é preciso que sinta afeto, que viva afeto. Ninguém dá o que não tem. O corpo transborda quando está cheio; o mestre tem que transbordar afeto, cumplicidade,

participação no sucesso, na conquista de seu educando; o mestre tem de ser o referencial, o líder, o interventor seguro, capaz de auxiliar o aluno em seus sonhos, em seus projetos.

Assim, para que o professor da educação infantil tenha uma prática afetiva é necessário que tenha um espírito afetivo, pois só transmitimos aquilo que realmente somos, as crianças recebem dos pais carinho, proteção e à medida que adentram no espaço educacional é essencial que ela seja acolhida da mesma forma para que o impacto com o ambiente educacional não, seja frustrante (NUNES, et al., 2019). De acordo com o RCNEI (1998 p. 25)

Além da dimensão afetiva e relacional do cuidado, é preciso que o professor possa ajudar a criança a identificar suas necessidades e priorizá-las, assim como atendê-las de forma adequada. Assim, cuidar da criança é sobretudo dar atenção a ela como pessoa que está num contínuo crescimento e desenvolvimento, compreendendo sua singularidade, identificando e respondendo às suas necessidades. Isto inclui interessar-se sobre o que a criança sente, pensa, o que ela sabe sobre si e sobre o mundo, visando à ampliação deste conhecimento e de suas habilidades, que aos poucos a

tornarão mais independente e mais autônoma.

Além disso, o professor da educação infantil ao realizar uma prática acolhedora deve ter um olhar diferenciado para cada criança dando atenção, buscando compreender o que ela sente, quais são seus anseios, dando ênfase ao conhecimento prévio que ela já possui, buscando aprimorar suas habilidades. O professor tem um papel importante na vida das crianças, pois é a fase onde elas se desenvolvem rápido e possuem uma capacidade muito grande de aprendizagem, por isso é importante que elas tenham um bom acompanhamento na sala de aula, e veja o professor como um exemplo a ser seguido (MAZON; GUARNIERI, 2017).

OS DESAFIOS PARA ACOLHER AS CRIANÇAS DA EDUCAÇÃO INFANTIL NAS AULAS REMOTAS

Diante da realidade do Coronavírus no Brasil, no início de 2020, as instituições de ensino tiveram que se adaptar a uma nova realidade de ensino e aprendizagem para prevenir-se do (Covid-19) e obedecer à portaria n.º 544 de 16 de junho de 2020 que dispõe sobre a substituição das aulas presenciais por aulas em meios digitais enquanto durar a

situação de pandemia (DIÁRIO OFICIAL DA UNIÃO, 2020).

Esse cenário gerou um grande impacto em diversos âmbitos, sobretudo, na educação. Os alunos passam a ter aulas através de um novo método que tem como principal ferramenta a Tecnologia da Informação e Comunicação (TIC), o que torna a tarefa ainda mais desafiadora em relação às crianças pequenas da educação infantil, uma vez que, estando ainda em início do ano letivo muitas crianças se encontram em processo de adaptação e sendo pequenas não possuem habilidades para participar das aulas “on-line” usando as ferramentas tecnológicas. Nesse sentido é recomendado à educação infantil:

No sentido de contribuir para minimização das eventuais perdas para as crianças, sugere-se que as escolas possam desenvolver alguns materiais de orientações aos pais ou responsáveis com atividades educativas de caráter eminentemente lúdico, recreativo, criativo e interativo, para realizarem com as crianças em casa, enquanto durar o período de emergência, garantindo, assim, atendimento essencial às crianças pequenas e evitando retrocessos cognitivos, corporais (ou físicos) e socioemocionais. Deste modo em especial, evitaria a necessidade de reposição ou prorrogação do atendimento ao fim do período de emergência, acompanhando tão-

somente o mesmo fluxo das aulas da rede de ensino como um todo, quando do seu retorno (BRASIL, 2020, p. 9).

Diante do exposto acima podemos observar que a recomendação é de que durante as aulas remotas, as escolas encaminhem materiais e orientem aos pais a respeito da continuação das atividades lúdicas e recreativas no âmbito familiar, com o intuito de manter o processo de ensino e aprendizagem da criança, evitando assim, retrocessos. Para tanto é imprescindível que o professor, pais e responsáveis possuam habilidades com as TICs. Contudo, sabemos que essa não é uma tarefa fácil, muitos educadores, assim como os pais, não possuem habilidades com o uso das tecnologias da informação e em muitos casos não possuem acesso à “internet”.

Estes aspectos, portanto, limitam a interação entre professor e aluno, causando lacunas na etapa da educação infantil, num momento essencial para que a criança possa se adaptar ao novo meio educacional e possa construir afinidades com os coleguinhas, professores e demais membros da comunidade escolar (ANTONIASSI; LACERDA, 2020).

A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) estabelece um currículo para educação infantil em que o ensino deve ser adequado aos campos de

experiência com propostas de atividades lúdicas e criativas. Todavia será possível viabilizar atividades recreativas que favoreçam a adaptação da criança através dos meios digitais? O Movimento Interfóruns de Educação Infantil do Brasil (MIEIB) (2020) traz a compreensão de que:

Toda e qualquer recomendação às famílias poderá ser direcionada para que adultos e crianças se relacionem de modo afetuoso, pautadas na escuta atenta e diálogo, e que, sobretudo, permitam que estes produzam saberes sobre as experiências que vivenciam durante o distanciamento social (MIEIB, 2020, p. 2).

Nesse enfoque cabe aos profissionais da Educação Infantil direcionar atividades que estimulem a aproximação entre pais e filhos para que diante do isolamento social as relações e os laços familiares sejam fortalecidos. Deste modo as práticas pedagógicas do educador ficam limitadas ao uso de aplicativos, para haver comunicação com os pais das crianças, e toda orientação das atividades solicitadas seja acessível (MONTEIRO; PEREIRA, 2020).

Sabemos que nos dias atuais temos uma gama de possibilidades para gravação de vídeos educativos que atraem os pequenos, porém temos um percentual

de professores que não possuem habilidades para essa demanda dificultando uma possível aproximação entre os professores e os alunos (ANTONIASSI; LACERDA, 2020).

PERCURSO METODOLÓGICO

Para alcançar os objetivos deste estudo foram utilizados dois métodos: a pesquisa bibliográfica – para nos conectarmos a referida temática, estabelecemos um diálogo com a literatura por meio de buscas de produções científicas no Scientific Electronic Library Online (SciELO) e no Google Acadêmico -- e a pesquisa de campo mediada pela aplicação de um questionário “on-line” direcionado às quatro professoras, uma coordenadora pedagógica e uma diretora de uma escola da rede pública de um município do estado de Alagoas.

Inicialmente estabelecemos contato com a escola através de uma visita e um diálogo com as gestoras com o intuito de apresentar a proposta da nossa pesquisa. Na ocasião, a diretora – bastante receptiva -- autorizou a realização do estudo. Após a autorização foi enviado para o endereço eletrônico das participantes da pesquisa, um questionário construído na plataforma digital “*Google Forms*”.

No tocante ao questionário, de acordo com Lakatos (2003, p. 201).

É um instrumento de coleta de dados, constituído por uma série ordenada de perguntas, que devem ser respondidas por escrito e sem a presença do entrevistador. Em geral, o pesquisador envia o questionário ao informante, pelo correio ou por um portador; depois de preenchido, o pesquisado devolve do mesmo modo. Junto com o questionário deve-se enviar uma nota ou carta explicando a natureza da pesquisa, sua importância e a necessidade de obter respostas, tentando despertar o interesse do receptor, no sentido de que ele preencha e devolva o questionário dentro de um prazo razoável.

O questionário era composto por cinco perguntas discursivas: quais são as práticas pedagógicas utilizadas para acolher as crianças e facilitar o processo de adaptação na educação infantil? A escola trabalha em conjunto oferecendo suporte ao professor para facilitar o processo de adaptação da criança? Exemplifique. A escola mantém comunicação com os pais para assegurá-los que seus filhos estarão seguros e bem acolhidos? Quais foram os maiores desafios no período de aulas “on-line” para acolher e construir afinidades com as crianças? No atual contexto das aulas “on-

line”, o processo de colaboração pedagógica contribuiu na mesma intensidade que no ensino presencial? E uma pergunta objetiva: na sua opinião o excesso de cuidado e proteção dos pais atrapalham a adaptação da criança?

Ao passo em que as participantes respondiam o questionário, automaticamente recebíamos as respostas em nossos correios eletrônicos. Dos dez questionários enviados, seis foram respondidos. Diante da análise dos dados coletados identificamos alguns eixos temáticos, fruto das respostas das interlocutoras, mas pela definição do recorte deste artigo, enfatizamos dois eixos. São eles: o primeiro eixo temático “O lúdico no processo de acolhimento na Educação Infantil”; e o segundo eixo temático “A adaptação e o engajamento entre a família e a escola” – ambos constataram expressivamente, o motivo que leva as crianças a passarem por um período doloroso de adaptação na vida escolar.

O LÚDICO NO PROCESSO DE ACOLHIMENTO NA EDUCAÇÃO INFANTIL

O lúdico a cada dia vem sendo trabalhado nos espaços educacionais, contribuindo para que professores tornem a sala de aula um ambiente atrativo e dinâmico para os alunos. Diante do lúdico

os educadores podem estimular o desenvolvimento da criança, principalmente a partir das brincadeiras e jogos estabelecidos. Apresenta-se, pois, como uma ferramenta pertinente para o processo de adaptação da criança capaz de favorecer o desenvolvimento psicomotor (ARAÚJO, 2016). Segundo o RCNEI (1998, p. 23):

Na instituição de educação infantil, pode-se oferecer às crianças condições para as aprendizagens que ocorrem nas brincadeiras e aquelas advindas de situações pedagógicas intencionais ou aprendizagens orientadas pelos adultos. É importante ressaltar, porém, que essas aprendizagens, de natureza diversa, ocorrem de maneira integrada no processo de desenvolvimento infantil.

Deste modo as instituições de ensino devem oferecer na educação infantil atividades lúdicas que favoreçam o desenvolvimento das crianças, brincadeiras com intencionalidade relativa à aquisição do conhecimento a interação e a construção de afinidades e afetividade entre professores e colegas.

Diante desses pressupostos e com base na análise da devolutiva das professoras da escola onde realizamos a pesquisa, constatamos que todas as profissionais atuantes na educação infantil utilizam em sua prática

pedagógica o lúdico em sala de aula, como recurso no processo de acolhimento e adaptação da criança possibilitando aos alunos momentos de interação, diversão, criação e construção de laços afetivos que contribuem para que as crianças sintam seguras e amadas no ambiente educacional. Uma das professoras argumentou: “utilizo práticas pedagógicas que favoreçam a imaginação, criatividade, alegria, afetividade, reconstrução de modos de vida”.

Neste sentido é evidente que o lúdico pode contribuir para que o processo de adaptação da criança ocorra com facilidade, pois quando ela adentra no espaço escolar busca encontrar um ambiente alegre, afetivo, dinâmico e o educador é quem insere o lúdico no seu planejamento. Ademais, pode transmitir para a criança o sentimento de alegria proporcionando motivação e a criação de um ambiente animado, criativo e repleto de descobertas.

A partir do brincar a criança vai atribuindo significados a tudo que a cerca e passa a compreender de forma ampla o espaço em que está inserida. No ato de brincar, laços afetivos são construídos fortalecendo, assim, a confiança no outro. Com base na resposta das participantes da pesquisa, foi possível constatar que as professoras que trazem o lúdico para a sala de aula da educação infantil têm mais

facilidade de adaptar seus alunos e manter uma relação de afeto e confiança com as crianças. Destacamos a resposta de outra professora que argumentou: “utilizo práticas pedagógicas que predominam o lúdico, a socialização, interdisciplinaridade, autonomia e conscientização.”

Percebe-se então, que na prática pedagógica das docentes participantes da pesquisa o lúdico é o principal suporte de aprendizagem da educação infantil, pois além de contribuir para que a criança se sinta atraída pelas atividades, também contribui para o desenvolvimento em todo processo de aprendizagem. A partir das brincadeiras as crianças interagem entre si, constroem afinidades com os colegas e professores e desenvolvem potencialidades pertinentes em seu processo de aquisição do conhecimento com autonomia. De acordo com os Referenciais Curriculares da Educação Infantil (BRASIL, 1998, p. 22),

Brincar é uma das atividades fundamentais para o desenvolvimento da identidade e da autonomia. O fato de a criança, desde muito cedo, poder se comunicar por meio de gestos, sons e mais tarde representar determinado papel na brincadeira faz com que ela desenvolva sua imaginação. Nas brincadeiras as crianças podem desenvolver algumas capacidades

importantes, tais como a atenção, a imitação, a memória, a imaginação. Amadurecem também algumas capacidades de socialização, por meio da interação e da utilização e experimentação de regras e papéis sociais.

Na fala da professora ela destaca outro ponto importante no processo de aprendizagem que é a interdisciplinaridade, na educação infantil a proposta curricular é atribuída através dos campos de experiência que são: o eu, o outro e o nós; traços, sons, cores e formas; corpo, gestos e movimentos; espaços, tempos, quantidades relações, e transformações; escuta, fala pensamento e imaginação. Deste modo através das atividades lúdicas todos esses campos de experiências podem ser trabalhados de forma interdisciplinar.

Vale destacar que as professoras também enfatizaram a importância da afetividade no processo de acolhimento da criança na educação infantil, sendo assim o eixo principal na adaptação. É necessário que a criança sinta o carinho e o respeito do seu professor para poder se sentir segura no ambiente educacional.

Durante a pesquisa também foram discutidos aspectos referentes aos desafios de acolher e construir afinidades com as crianças durante as aulas “on-line”, dentre as respostas das professoras

ficou evidente que os desafios foram diversos, como a falta do auxílio e dos recursos tecnológicos por parte dos pais das crianças. Veja o que destaca uma das docentes:

“Além das aulas não serem presenciais, a maioria dos pais não ajudava os alunos, deixando de enviar no grupo de estudo, fotos e vídeos das crianças realizando as tarefas. Apenas um aluno era assíduo, outros ajudavam seus filhos nas tarefas impressas, alguns pais respondiam às tarefas pelos filhos. E outra dificuldade é que tinham pais que não possuíam celulares.”

Evidentemente os desafios foram inúmeros, o contexto das aulas “on-line” impossibilitou principalmente os professores da educação infantil de construir afinidades com seus alunos principalmente porque toda a orientação era passada aos pais das crianças. De acordo com a resposta da professora muitos pais não conseguiram auxiliar seus filhos no desenvolvimento das atividades propostas e alguns respondiam às atividades impressas ao invés de auxiliar as crianças. Contudo, é visível que essas crianças que não interagiram com o professor nas aulas através dos grupos de estudo não conseguiram se adaptar as aulas “on-line”, nem construíram vínculos

afetivos com os professores. Outra professora argumenta que:

“As dificuldades foram muitas nas aulas “on-line”, principalmente na Educação Infantil. Nas aulas presenciais estávamos ali o tempo todo para auxiliar os alunos, vemos também qual é a dificuldade de cada um, assim trabalhamos para um melhor aprendizado”.

Dessa maneira constatamos que durante as aulas remotas o acolhimento na educação infantil foi prejudicado, pois, a distância entre professores e alunos impossibilitou uma maior interação e consequentemente a adaptação do aluno no contexto educacional não fluiu com êxito. Realmente as aulas “on-line” foram desafiadoras principalmente na educação infantil em que o agente intermediário era os pais, porém devemos compreender que cada família tem uma realidade de vida e que o descaso de alguns pais com a educação de seus filhos não implica apenas em falta de compromisso mais sim, por diversos fatores como, falta de recursos tecnológicos, “internet”, trabalho e também o analfabetismo de alguns pais entre outros fatores.

A ADAPTAÇÃO E O ENGAJAMENTO ENTRE A FAMÍLIA E A ESCOLA

A adaptação na educação infantil é um período delicado para todas as

crianças, e desafiador para o professor que está conduzindo esse processo, pois diversos problemas podem surgir no início da vida escolar de uma criança, porém é preciso entender que essa não é apenas uma responsabilidade do educador de sala de aula, mais sim, de toda escola em conjunto com os pais das crianças. O diálogo entre família e escola é fundamental durante toda trajetória escolar de uma criança. De acordo com Polônia e Dessen (2005, p. 304):

Quando a família e a escola mantêm boas relações, as condições para um melhor aprendizado e desenvolvimento da criança podem ser maximizadas. Assim, pais e professores devem ser estimulados a discutirem e buscarem estratégias conjuntas e específicas ao seu papel, que resultem em novas opções e condições de ajuda mútua. A escola deve reconhecer a importância da colaboração dos pais na história e no projeto escolar dos alunos e auxiliar as famílias a exercerem o seu papel na educação, na evolução e no sucesso profissional dos filhos e, concomitantemente, na transformação da sociedade.

Contudo, a família precisa participar da vida escolar dos filhos, mantendo uma comunicação ativa com os professores e gestores, entendendo o seu papel no desenvolvimento da vida escolar

das crianças. A escola deve estar aberta e receptível para acolher os pais e juntos desenvolverem estratégias que facilitem a evolução dos alunos no ambiente educacional (FREYTAG, 2018). Neste quesito destacamos a fala da diretora sobre a participação dos pais: “A escola sempre mantém a comunicação com os pais e a maioria frequenta a escola sempre que solicitado”.

É importante que os responsáveis pelas crianças colaborem mais com a vida escolar dos pequenos, que se mantenham propensos em participar do cotidiano escolar delas, sendo agentes auxiliares nas questões necessárias. É preciso, sobretudo, sinalizar que a educação das crianças não é responsabilidade somente da escola (FREYTAG, 2018)

A escola também é uma peça fundamental para o processo de adaptação das crianças, é um espaço de deve estar envolvido neste processo, auxiliando os professores para a construção de ambiente escolar mais acolhedor e aconchegante, transmitindo para a criança carinho, respeito e segurança, sendo a intermediadora do professor no desenvolvimento de atividades recreativas, tornando o ambiente escolar mais alegre e fornecendo o suporte durante todo o processo de adaptação.

Veja o que a coordenadora de uma das escolas enfatiza sobre o suporte dado as

professoras da Educação Infantil: “Estabelecemos uma rotina organizada e atrativa que busque proporcionar às crianças experiências positivas em que se sintam valorizadas e especiais.”

A diretora acrescenta dizendo que:

“A direção e coordenação procura não só ajudar no início da adaptação como oferece, dentro do que a escola tem disponíveis materiais como: TV, data show, jogos pedagógicos voltados a idade deles.”

Diante das respostas podemos observar que a direção da escola cumpre seu papel em auxiliar as docentes no processo de adaptação das crianças estabelecendo rotinas atrativas e disponibilizando materiais lúdicos para serem trabalhados em sala de aula. A ausência de materiais nas escolas dificulta bastante o trabalho do professor principalmente nas escolas da rede pública, essa carência flui com maior intensidade impossibilitando a realização de momentos recreativos.

Através da pesquisa foi possível identificar outra problemática que dificulta a adaptação da criança “o excesso de cuidado e proteção dos pais”, uma vez que a própria família sente-se insegura em deixar seus filhos na escola, o que faz com que essa separação seja ainda mais difícil, entretanto, é

fundamental que os pais confiem nos profissionais da escola e assim permita que as crianças criem vínculos afetivos.

Balaban (1988) ressalta que:

A separação afeta as crianças. Afeta os pais. Faz brotar sentimentos nos professores. O início da vida escolar pode ser uma ocasião excitante ou também uma ocasião agradável. Junto com aqueles que realmente estão encantados por estarem iniciando sua vida escolar, existem frequentemente outras crianças chorando ou pais tensos e nervosos (BALABAN, 1988, p. 24).

Neste sentido a separação é um processo desafiador tanto para as crianças quanto para os pais, e isso afeta também ao professor que além de estar comprometido com o acolhimento da criança também tem que lidar com as angústias dos pais e responsáveis pelos alunos. É importante que ambas as partes entendam seu papel frente a adaptação das crianças, que os pais se façam presentes no início da entrada da criança na escola, mas isso não quer dizer que estejam a todo momento angustiados, monitorando a desenvoltura dos educadores em sala de aula. De acordo com o Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil (1998).

A adaptação é difícil não só para a criança, mas também para a

família e a professora, pois implica reorganizações e transformações para todos. A forma como esse processo é vivenciado pelas pessoas envolvidas influencia e é influenciada pelas razões da criança. Desse modo, é altamente desejável que, no período de adaptação, a mãe, o pai ou outro familiar fique junto da criança para auxiliar na exploração desse ambiente estranho e no estabelecimento de novos relacionamentos com outras professoras e outras crianças (RCN, 1998)

Assim sendo, a adaptação é difícil para todos, por isso é importante que todos os envolvidos tenham consciência do seu papel a fim de que todo processo ocorra com naturalidade e as crianças sintam otimismo por parte da família para poderem estreitar novas relações com os professores e colegas.

Geralmente a adaptação é um processo muito doloroso para as crianças e deve iniciar antes mesmo dos alunos adentrarem no ambiente educacional. Os pais precisam muito antes ir preparando seus filhos através do diálogo, demonstrando a importância da escola, estimulando os pequenos a se sentirem confiantes e atraídos a participarem do meio educativo. É preciso que a família confie nos profissionais das instituições

para poder passar confiança para os filhos (FREYTAG, 2018).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O artigo apresentado é resultado de uma revisão de literatura feita através de uma pesquisa bibliográfica, a qual serviu de embasamento teórico das opiniões aqui manifestadas pelos autores. Aliada a pesquisa bibliográfica utilizou-se a pesquisa de campo, que foi realizada, com uma gestora, uma coordenadora e quatro professoras da educação infantil, de uma escola da rede pública municipal, do estado de Alagoas, buscando compreender o processo de adaptação e de acolhimento na educação infantil sob o olhar da comunidade escolar.

O objetivo principal deste trabalho, foi compreender como ocorre este processo, pois para muitas crianças os primeiros dias na escola é doloroso por estarem em um ambiente que até o momento é incomum, o que requer do professor uma prática pedagógica que esteja voltada ao educar com carinho, para que a criança se sinta amada, respeitada e segura no âmbito educacional.

A partir da pesquisa foi possível compreender que a adaptação da criança não é responsabilidade apenas dos professores, mas da escola na totalidade e por isto, é necessário que toda

comunidade escolar esteja empenhada em apoiar o professor neste momento, acolhendo as crianças com afeto e atenção. Cabe aos pais também confiar na instituição de ensino e nos profissionais que ali atuam para deixar seus filhos na escola sem sentimento de culpa e angústia.

Diante da análise dos resultados foi possível observar que os professores da escola onde a pesquisa foi realizada, utilizam em suas práticas pedagógicas atividades voltadas para o lúdico tornando o espaço escolar atrativo, alegre e dinâmico, o que contribui para que as crianças possam se adaptar com maior facilidade e se sintam acolhidas com carinho.

A pesquisa contribui em termos de relevância científica para uma reflexão crítica acerca do processo de acolhimento e de adaptação da criança da educação infantil, além de propiciar um novo olhar sobre a prática pedagógica de docentes atuantes nesse contexto. Como a criança é acolhida é o ponto principal para que ela possa desenvolver no ambiente escolar, vivenciando novos modos de vida, construindo novas afinidades e rotina diária.

A partir desta conjuntura podemos argumentar que o acolhimento deve ser pensado não só no início do ingresso da criança na instituição de

ensino, mas também durante todo processo de ensino e aprendizagem da criança. Assim sendo, é pertinente que a escola busque estar em constante parceria com a família para juntos promoverem um espaço propício de adaptação e acolhimento.

REFERÊNCIAS

ANTONIASSI, L. M. F. Da sala de aula ao ambiente virtual: a adaptação dos professores da educação infantil frente ao cenário da Covid 19. **Anais do CIET:EnPED:2020 - (Congresso Internacional de Educação e Tecnologias | Encontro de Pesquisadores em Educação a Distância)**, São Carlos, ago. 2020. ISSN 2316-8722. Disponível em: <<https://cietenped.ufscar.br/submissao/index.php/2020/article/view/1105>>. Acesso em: 31 de jan. 2022.

ARAÚJO, R, F, S. **O Lúdico no Processo Ensino- Aprendizagem**. Caicó, 2016. Disponível em: <http://need.unemat.br/4_forum/artigos/eli_a.pdf>. Acesso em: 31 jan. de 2022.

BALABAN, N. **O início da vida escolar: da separação à independência**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1988.

BRASIL, Substituição das aulas presenciais por aulas meios digitais, Portaria nº 544, de 16 de junho de 2020. **Diário Oficial da União: Edição 114**, ano 2020.

_____, Constituição da República Federativa do Brasil: Promulgada em 5

de outubro de 1988. Art. 205-214. **Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil**, Brasília, 1988.

_____. Ministério da Educação.

Conselho Nacional de Educação.

Parecer CNE/CP nº. 5/2020.

Brasília/DF: Ministério da Educação, 28 abr. 2020. Disponível em:

[http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=145011pcp-005-](http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=145011pcp-005-20&category_slug=marco-2020-pdf&Itemid=30192)

[20&category_slug=marco-2020-](http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=145011pcp-005-20&category_slug=marco-2020-pdf&Itemid=30192)

[pdf&Itemid=30192.](http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=145011pcp-005-20&category_slug=marco-2020-pdf&Itemid=30192)> Acesso em: 13 de jan. de 2022.

_____. **Referencial Curricular Nacional para Educação Infantil.**

Brasília, DF: MEC/SEF, 1998, v.1.

_____. **Referencial Curricular Nacional para Educação Infantil.**

Brasília, DF: MEC/SEF, 1998, v.2.

_____. **Referencial Curricular Nacional para Educação Infantil.**

Brasília, DF: MEC/SEF, 1998, v. 3.

CHALITA, G. **Educação: a solução está no afeto**: Gabriel Chalita - São Paulo: Editora Gente, 2001.

CURI, L, R, L. **Posicionamento público do movimento interfóruns de educação infantil do brasil (MIEIB) relativa à proposta de parecer do conselho nacional de educação (CNE) sobre reorganização dos calendários escolares e atividades pedagógicas não presenciais durante o período de pandemia da covid-19.** Brasília, 2020.

Disponível:

[https://www.mieib.org.br/posicionamento-publico-do-movimento-interforuns-de-](https://www.mieib.org.br/posicionamento-publico-do-movimento-interforuns-de-educacaoinfantil-do-brasil-mieib-relativa-a-proposta-de-parecer-do-conselho-nacional-de-educacao-cne-sobre-reorganizacao-dos-calendarios-escolares-e-atividades-pedagogicas-nao-presenciais-durante-o-periodo-de-pandemia-da-covid-19)

[educacaoinfantil-do-brasil-mieib-relativa-a-proposta-de-parecer-do-conselho-nacional-de-educacao-cne-sobre-reorganizacao-dos-calendarios-escolares/](https://www.mieib.org.br/posicionamento-publico-do-movimento-interforuns-de-educacaoinfantil-do-brasil-mieib-relativa-a-proposta-de-parecer-do-conselho-nacional-de-educacao-cne-sobre-reorganizacao-dos-calendarios-escolares-e-atividades-pedagogicas-nao-presenciais-durante-o-periodo-de-pandemia-da-covid-19). Acesso em: 22 janeiro 2022.

FRABONI, F. **A Escola Infantil entre a cultura da infância e a ciência pedagógica e Didática.** In.

ZABALTAR, Miguel A. **Qualidade em Educação Infantil.** Porto Alegre. 1998.

FREYTAG, F. F. **Adaptação da Educação Infantil uma Questão de Acolhimento.** Santa Rosa, 2018.

LAKATOS, E. M. **Fundamentos de metodologia científica.** 5.ed. São Paulo: Atlas, 2013.

LADWIG, V, K; GOI, R, E, P; SOUZA, J, L, G. **Adaptação e acolhimento na educação infantil**, Seminário Interinstitucional, 7 de maio de 2013.

DISPONÍVEL EM: <

<https://home.unicruz.edu.br/mercosul/pagina/anais/2013/EDUCACAO%20E%20ESENVOLVIMENTO%20HUMANO/ARTIGOS/ADAPTACAO%20E%20ACOLHIMENTO%20NA%20EDUCACAO%20INFANTIL.PDF> > Acesso em: 22 janeiro de 2022.

MAZON, G. L, GUARNIERI, M. A **adaptação e o acolhimento da criança na educação infantil.** Chapecó, 2017.

Disponível em:

<https://rd.uffs.edu.br/bitstream/prefix/1311/1/GUARNIERI%20e%20MAZON.pdf>. Acesso em: 18 jan. 2022.

MENDONÇA, F. W. **Teoria e Prática na Educação Infantil.** Maringá, PR: UNICESUMAR, 2013.

MONTEIRO, S. S.; PEREIRA, R. R., D. Desafios e possibilidades em tempos de Pandemia: pesando o acolhimento no contexto da educação infantil. **Revista de ciências humanas**, 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufv.br/RCH/article/view/10997/6029>. Acesso em: 31 de jan. de 2022.

NUNES, E, R. HENS, M, I. ALMEIDA, L, G. A. CARVALHO, E, T. **A importância da efetividade na educação infantil**. 2019. Disponível em: <
<https://multivix.edu.br/wpcontent/uploads/2018/12/a-importancia-da-afetividade-na-educacao-infantil.pdf>> Acesso em: 26 janeiro 2022.

OLIVEIRA, Z. R. O. **Educação Infantil Métodos**. São Paulo, 2002.

ORTIZ, C. **Adaptação e Acolhimento: um cuidado inerente ao projeto educativo da instituição e um indicador de qualidade do serviço prestado pela instituição**. 2000. Disponível em: <
<https://nova-escola-producao.s3.amazonaws.com/ncmGJtJ5bkXVtrUah4N7Yx2fc3YVbAC8URqHKGQuzcZdpzMHJkhTnfjrMUPQ/acolhida-cisele-ortiz.pdf>> Acesso em: 27 de janeiro de 2022.

POLÔNIA, A. C.; DESSEN, M. A. Em busca de uma compreensão das relações entre família e escola. **Psicologia Escolar e Educacional**, 2005, Volume 9. Número 2. Disponível em: <
<http://www.scielo.br/pdf/pee/v9n2/v9n2a12>>. Acesso em: 27 de Janeiro de 2022.

REDA, M. G.; UJIIE, N. T. A Educação Infantil e o Processo de Adaptação: as concepções de educadoras da infância. **IX Congresso Nacional de Educação – EDUCERE**. III Encontro Sul Brasileiro de Psicopedagogia. 2009. Disponível em: <
http://www.pucpr.br/eventos/educere/educere2009/anais/pdf/2496_1090.pdf> Acesso em: 20 de Janeiro, 2022.

SILVA, M. D. D.; ALVES, L. V. S.; BOMFIM, R. J. O processo de adaptação e a importância do acolhimento na educação infantil. **Anais do 3º Simpósio de TCC**, da Faculdade Fimom e Tecsoma. 2020;1656-1670. Disponível:
<https://repositorio.ufrn.br/bitstream/123456789/42126/2/OProcessoDeAdapta%C3%A7%C3%A3oEAcoplimento_Artigo_2016.pdf> Acesso em: 01 fevereiro 2022.

Esta obra está sob o direito de
Licença Creative Commons
Atribuição 4.0 Internacional.



DIFICULDADE NA LEITURA E ESCRITA DO 3º AO 5º ANO NA ESCOLA JOSEF BERGMANN NO CENÁRIO PANDÊMICO

Ellen Caroline Santos Izuino¹

Karine Dulce Ferreira Santos²

Iris Mayara Vasco Gondim Feitoza³

Erienne Gomes dos Santos⁴

RESUMO

O presente artigo discorre sobre as dificuldades no desenvolvimento da leitura e escrita em alunos do 3º ao 5º ano do ensino fundamental no cenário pandêmico e evidencia a importância de construir uma rotina escolar pautada na prática da leitura e da escrita. Neste aspecto, observasse a importância que o professor e a família têm, quando desempenham o papel de mediadores capazes de instigar a criança a ler e criar suas próprias histórias, possibilitando além do desenvolvimento do senso crítico a manutenção de uma boa conduta social. O objetivo geral é relatar reflexivamente o processo da leitura e escrita, visto que, são dois processos essenciais para que o indivíduo construa seus próprios conhecimentos de forma democrática em todos os aspectos físicos e sociais. A coleta de dados foi realizada de forma remota através de um questionário elaborado no Google Forms, direcionado aos professores de uma escola da rede pública situada na cidade de Penedo no estado de Alagoas. Através da análise foi possível compreender que o processo de ensino-aprendizagem é permeado por muitas dificuldades e desafios. Contudo, para além das dificuldades foi possível perceber que existem diversas possibilidades de despertar o prazer pelo hábito de ler e escrever, sobretudo, pelas atividades lúdicas que são capazes de aguçar a curiosidade dos petizes. Neste cenário ficou evidente a importância de criar uma rotina de leitura, uma vez que, ajuda no desenvolvimento pessoal e intelectual da criança. Diante disso, verifica-se que a presença de um Pedagogo nas mais diversas organizações vem agregar valor para o ambiente em que ele está inserido, por trazer uma visão pedagógica e educacional que engloba diversos aspectos.

PALAVRAS CHAVE: Dificuldade. Leitura. Escrita. Ensino-aprendizagem.

1 Graduada em Pedagogia pela Faculdade Raimundo Marinho de Penedo; carolineellem@gmail.com

2 Graduada em Pedagogia pela Faculdade Raimundo Marinho de Penedo; fkarine444@gmail.com

3 Pedagoga; Especialista em Psicopedagogia; Docente da Faculdade Raimundo Marinho de Penedo; prof.iris@frm.edu.com

4 Psicóloga; Mestra em Psicologia; Docente da Faculdade Raimundo Marinho de Penedo; prof.erianne.santos@frm.edu.br

INTRODUÇÃO

O presente artigo tem como finalidade, detectar as dificuldades na leitura e escrita do 3º ao 5º ano em uma escola pública da rede municipal da cidade de Penedo no estado de Alagoas. Trata-se de identificar aspectos bastante recorrentes na vida escolar dos alunos. Como forma de contorná-las é importante que toda a equipe trabalhe em conjunto para amenizar tal impasse. Vale ressaltar que é significativo incluir a família do estudante, para que ela participe do processo de ensino-aprendizagem e compreenda também essas dificuldades, a fim de que os educandos recebam também o apoio familiar.

A pesquisa é de caráter exploratório, que utiliza uma metodologia aplicada para a sua realização, sendo guiada através de estudos bibliográficos, entre os diversos materiais utilizados está a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN) nº 9.394 de 1996 concomitantemente aborda-se vários autores, como Ferreiro e Teberosky (1985), Freire (1988 e 1999), Libanê (2010), Souza (2016), entre outros.

Com este artigo buscou-se evidenciar uma questão significativa para a educação dos alunos, o processo de ensino aprendizagem da leitura e escrita, pois é um assunto relevante a todos do

âmbito educacional devendo-se levar em consideração que, a ação-reflexão-ação traz resultados positivos neste aspecto, já que se trabalhando o lúdico de forma dinâmica instiga-se cada vez mais o alunado a participar das atividades escolares.

A relação entre escola/professor e família é um fator também muito importante para que os alunos conquistem a aquisição da leitura e da escrita de forma significativa. Diante de tanta dificuldade, para manter os estudantes engajados e interessados nas aulas remotas, precisa ser feito uma conexão com as famílias, mantendo um apoio estabilizado dos docentes junto com a equipe pedagógica para não haver evasão escolar.

A pandemia do novo Corona Vírus (SARS-Cov2) interrompeu as atividades presenciais de 91% dos estudantes no mundo (UNESCO, 2020), o que acabou se tornando um desafio não só para alunos e professores, mas para a comunidade escolar como um todo. Por isso, essa temática vem investigar a necessidade de incorporar ações pedagógicas para tentar solucionar e prevenir tais dificuldades. A prática pedagógica do professor direcionada para o ensino da leitura e escrita de forma dinâmica é algo indispensável, principalmente agora com essa nova realidade que impactou diretamente a educação escolar, nesse

contexto ressaltamos a importância deste projeto.

Este artigo torna-se mais uma ferramenta para investigar a prática pedagógica dos professores das respectivas turmas no sentido de identificar estratégias direcionadas, compreender/analisar e assim buscar soluções plausíveis à situação apresentada. Em síntese esse projeto apresenta-se como instrumento de suma importância para identificar as principais dificuldades relacionadas à leitura e a escrita das referidas turmas, no sentido de buscar caminhos para direcionar a prática dos professores e uma eficiência mais ampla no que se refere à conquista da linguagem oral e escrita.

Essa pesquisa, então, teve como objetivo principal identificar e analisar as dificuldades de aprendizagem de leitura e escrita dos alunos do 3º e 5º ano do ensino fundamental, com intuito de encontrar qual ou quais problemas estão fazendo com que os alunos fiquem dispersos e não aprendam com vigor, visando também entender quais fatores estão ocasionando não só no fracasso, mas também no abandono escolar. Além de perceber a contribuição da equipe gestora para o processo de formação continuada dos professores no intuito de adquirir conhecimentos atualizados.

A pesquisa foi feita diretamente com a equipe pedagógica da escola de forma remota, porém, na entrega da documentação e da autorização da pesquisa, foi-se presencialmente e a partir daí estabeleceu-se um diálogo com a diretora. O aplicativo WhatsApp fora a ferramenta utilizada para mediar o contato com os profissionais e através do Google Forms foi enviado o questionário. Com o uso destas plataformas digitais obteve-se as informações que posteriormente foram analisadas.

A grande dificuldade norteadora da aprendizagem dos alunos nas aulas remotas se dá pela falta de alguns recursos tecnológicos em suas residências ou até mesmo na escola, o que dificultou a assimilação dos conteúdos, sofrendo assim, os efeitos do fracasso/evasão escolar. Acredita-se ser importante esclarecer que, o âmbito de atuação do pedagogo, cabe a ele, também, educar nas organizações, para oferecer uma aprendizagem que permita os alunos complementarem-se em sua trajetória de conhecimentos.

Uma vez que se entende a prática pedagógica como um conjunto de técnicas, princípios, métodos e estratégias da educação e do ensino, compreendendo a condução dos assuntos educacionais em todo um contexto, ou seja, o profissional pode trabalhar de formar lúdica, para

facilitar a compreensão dos conteúdos em sala de aula e isso vai ocasionar bons resultados referente à aprendizagem de seus alunos principalmente na leitura e na escrita.

Deste modo, este trabalho poderá permitir ao público leitor em geral conhecer mais a respeito da dificuldade na aprendizagem da leitura e escrita dos alunos da escola Josef Bergmann, levando em conta a responsabilidade da equipe pedagógica pelo processo de executar, planejar, acompanhar e fiscalizar todos os projetos e os recursos do seu ambiente de trabalho, de forma significativa para a formação de cidadãos crítico e os sujeitos envolvidos no ambiente democrático.

1. O IMPACTO DA PANDEMIA NA EDUCAÇÃO

Observando o cenário atual, pode-se afirmar que a pandemia agravou a situação dos alunos em meio à leitura e escrita ao ter que se adaptar a uma nova realidade de ensino, muitos não tem acesso à internet e isso acabou contribuindo para o fracasso escolar, é necessário, que a escola interfira no rendimento do aluno e tente superar as dificuldades. Nesse meio tecnológico, os professores tiveram bastante dificuldades para se adaptar as necessidades dos alunos, (MIRANDA; LIMA; OLIVEIRA; TELLES, 2020).

Dentro dessa perspectiva, a educação e o processo de alfabetização dos alunos passam por um momento crítico e saem quase que totalmente prejudicados. Segundo Pérez (1992), a alfabetização

É um processo que, ainda que se inicie formalmente na escola, começa de fato, antes de a criança chegar à escola, através das diversas leituras que vai fazendo do mundo que a cerca, desde o momento em que nasce e, apesar de se consolidar nas quatro primeiras séries, continua pela vida afora. Este processo continua apesar da escola, fora da escola paralelamente à escola. (PÉREZ, 1992, p. 66).

Tendo em vista que, muitos desses alunos não estavam frequentando regularmente a escola antes da COVID-19, a nova realidade só veio contribuir ainda mais com a evasão escolar. Devido à situação pandêmica que se vivenciou muitos alunos não tiveram condições de acompanhar as aulas e passaram a não mais dar retorno das atividades. As aulas remotas fizeram com que o ensino se tornasse mais complexo, devido à distância e a falta de recursos. Dessa forma, reconhecemos que a educação nunca foi um processo fácil e o distanciamento com a falta de acesso as tecnologias necessárias dificultou ainda mais para alguns alunos. Desse modo, é necessário que a escola crie estratégias

para melhorar o ensino, como afirma a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Brasileira – LBDEN nº 9.394/96, o ensino fundamental de nove anos tem por objetivo a formação básica do cidadão mediante: “o desenvolvimento da capacidade de aprender, tendo como meios básicos o pleno domínio da leitura, da escrita e do cálculo” (Art. 32, I).

Diante desse contexto, a equipe pedagógica teve que se reinventar nas aulas remotas com o intuito de levar melhorias para os alunos que precisavam ficar em casa, contribuindo com vídeo-aulas, atividades e conteúdos interativos em ambiente virtual de aprendizagem. Materiais didáticos impressos foram fornecidos aos responsáveis para repassar aos alunos, e retornar respondido, e apesar do grande esforço da equipe escolar pouco foi o feedback por parte da maioria dos alunos e pais, muitos não davam notícias e as atividades acabavam voltando em branco para a escola.

Assim, entende-se que a escola por si só, buscar mudar a situação do seu alunado, ofertando um conteúdo de forma lúdica, dinâmica e disponibilizando material não só virtual e então tentar melhorar o desempenho dos discentes não é o suficiente para mudar a realidade descrita anteriormente. É necessário que haja o retorno da outra parte envolvida em questão.

Num trabalho em conjunto, para que os petizes possam se desenvolver e não acontecer mais evasão/fracasso escolar (KISHIMOTO, 1996).

1.1 COMO INTERVIR EM SALA DE AULA

A leitura precisa ser trabalhada dentro do âmbito escolar repetidamente e ser tratada como prioridade, tendo como objetivo a formação de leitores pensantes e críticos. Torna-se importante que o professor apresente aos alunos os diversos tipos de gêneros literários como fábulas, contos, poemas entre outros, deixando-os a vontade com a prática da leitura e optarem por seu gênero favorito, porém compreendendo a necessidade de se transitar por vários deles e não somente um, com o objetivo de que a criança conheça a função social da leitura e escrita. (RANGEL; ROJO, 2010).

Compreende-se a partir de Cagliari (1999, p 85), “que aprender a ler e a escrever é apropriar-se do código linguístico-gráfico, é torna-se de fato um usuário da leitura e da escrita”, desse modo, aprender a ler e escrever exige de cada aluno competências que vão resultar na melhoria do seu desempenho e bagagem linguística, pois o ato de ler e escrever irá libertar, transformar e os permitir ter um pensamento crítico em

meio a sociedade, evitando que se tornem cidadãos alienados.

Tendo em vista a importância do processo de ensino aprendizagem de cada aluno, incentiva-se os educandos a desenvolverem um bom papel dentro da sociedade e alcancarem uma boa formação pessoal, buscando nos livros e criando o hábito de ler constantemente, durante a trajetória educacional, deve-se estimular incessantemente essa boa e rica aprendizagem dentro do âmbito escolar (ARANA; KLEBIS, 2015).

De acordo com Paulo Freire,

A educação como prática da liberdade, ao contrário daquela que é prática da denominação, implica a negação do homem abstrato, isolado, solto, desligado do mundo, assim como também a negação do mundo como uma realidade ausente dos homens. (PAULO FREIRE, 1999, p. 70),

Freire (1999) ressalta na citação acima, a importância do desenvolvimento da criança antes mesmo de frequentar a escola, ou seja, a evolução educacional também acontece decorrente de fatos anteriormente vividos e que podem contribuir muito no progresso cognitivo do aluno. Os problemas de aprendizagem podem decorrer de diversos fatores, como por exemplo, os problemas de rendimento escolar ou professores que não conseguem

identificar e explicar a dificuldade dos alunos quanto o seu entendimento sobre um determinado assunto.

Em virtude disso, pode-se entender que a educação é como um conjunto de técnicas, princípios, métodos e estratégias da educação e do ensino, visando compreender a aprendizagem, relacionados à administração de escolas e à condução dos assuntos educacionais em um determinado contexto. Segundo Libâneo (2010), a pedagogia é um campo de conhecimento que dá diretrizes para orientar a ação educativa, a partir de formas organizativas, normativas e metodológicas da ação educativa.

1.2 O FRACASSO ESCOLAR NA APRENDIZAGEM DA LEITURA E ESCRITA

O fracasso escolar acontece através de inadequações na aprendizagem, e no seu relacionamento familiar. O fator financeiro também influencia muito, já que existem muitos alunos que escolhem trabalhar, ao invés de estudar. De acordo com Emília Ferreira e Ana Teberosky (1985, p. 18), “o fracasso escolar nas aprendizagens iniciais é fato constatável por qualquer observador”. Diante disso, a UNESCO apresenta a seguir dados referentes a esta problemática.

[...] De toda a população escolarizada, apenas 53% chegaram à 4ª série – o limiar mínimo indispensável para uma alfabetização definitiva – ou seja, a metade da população abandonou sua educação, sem regressar à escola, ainda num momento muito elementar do ensino fundamental. Dois terços do total de repetentes estão situados nos primeiros anos de escolaridades, e tem em torno de 60% dos alunos egressos na escola repetiram o ano uma ou mais vezes. (UNESCO, 1974, p. 18).

Deste modo, não se pode mais ignorar o déficit dos alunos em relação à leitura e a escrita. Os resultados são de estudantes reprovados ou que chegam a determinadas séries e mesmo assim continuam apresentando dificuldades na hora de ler e escrever. Através de pesquisas realizadas nas escolas, tem-se resultados de que em todos os níveis pesquisados, há alunos com um grau de leitura e escrita defasado. Torna-se, portanto, necessário buscar estratégias para mudar essa realidade e alfabetizar de forma significativa (FERREIRO; TEBEROSKY, 1985).

Para tanto, entende-se não ser fácil, é uma caminhada longa e um desafio que os educadores não podem perder. É impressionante como dentro do meio educacional as pessoas ainda batizam a Língua Portuguesa como mãe apenas dos

profissionais que são graduados dentro da área de linguagem, da linguística e da literatura. Idealizando o fato de que somente essas pessoas podem e devem ler e escrever corretamente.

Para que seja possível melhorar a relação da leitura, escrita e desempenho dos educandos, os profissionais da educação têm que dividir a responsabilidade de trabalhar a Língua Portuguesa com todos os colegas. É preciso entender a importância de atuar interdisciplinarmente para obter bons resultados, pois, ser educador hoje é mediar o conhecimento, é fazer o aluno participar do processo de construção do mesmo, que não está pronto e acabado e incumbir a esse alunado o seu papel e contribuição perante a sociedade.

Assim afirma Emília Ferreiro que,

O educador faria bem em ajudar o educando a construir uma representação positiva da leitura e da escrita e dos poderes que elas conferem ao cidadão. E, em cada situação particular da sala de aula, deveria explicitar para os alunos os objetivos de toda atividade de leitura. A criança é que não pode reduzir a um par de olhos, de ouvidos e a uma mão que pega lápis. Ele pensa também a propósito da língua escrita e os componentes conceituais desta aprendizagem precisam ser compreendidos (FERREIRO, 1985, p.14).

No momento atual em que se vive, mediante a esta mudança repentina a qual os educandos e educadores estão se adaptando, é importante facilitar o acesso às novas tecnologias, deixando-os sempre a disposição dos alunos. Se orientados e acompanhados pelos pais e professores, tais recursos podem aumentar a participação e um melhor desenvolvimento dos discentes neste novo contexto.

Os docentes convivem e contornam diariamente muitos obstáculos nas instituições de ensino, para melhor atender as dificuldades das turmas, agora é necessário lidar com mais esta realidade, a qual não se pode fugir e somente adequar-se da melhor forma possível, principalmente quando se trata de adaptação da tecnologia como único meio de interação nesse momento, seja essa interação por Whatsaap, Meet ou Vídeo-aulas gravadas (CORDEIRO; KAROLINA, 2020).

De acordo com Paulo Freire (1988, p. 35), “A leitura do mundo precede a leitura da palavra”. Portanto, ler é um ato importante de liberdade, pois, exige esforço mental ativo. E o professor deve e pode intervir nesse processo, orientando, incentivando, ensinando novos procedimentos que facilitem a interpretação da leitura para os alunos. Ensinar a ler passa também pela ação de

despertar o gosto pela leitura, que proporciona acesso ao conhecimento produzido ou em produção, prazer estético, o sentimento de emoção, nos sensibilizando profundamente.

Neste processo, a criança passa por etapas, com avanços e recuos, até compreender o código linguístico e dominá-lo. O tempo necessário para o aluno transpor cada uma das etapas é muito variável. Esta revisão de literatura nos possibilita analisar a perspectiva teórica metodológica fornecendo-nos maiores subsídios para uma intervenção efetiva entre a teoria e a prática. Trabalhar a leitura em todos os níveis é possibilitar um mundo mais consciente, pois se abre um leque de possibilidades não só para aos que aprendem, mas também para aos que ensinam. (SOUZA, 2016).

PERCURSOS METODOLÓGICOS

A pesquisa deste artigo ocorreu em dois momentos: no primeiro encaminhou-se para a teoria, na qual se pesquisou autores que afirmavam a grande dificuldade de aprendizagem na leitura e escrita, causando o fracasso/abandono escolar. Desse modo, a teoria auxiliará na prática pedagógica e na obtenção de conhecimento científico. No segundo momento, optou-se em ir mais além, se buscou uma escola pública situada no

município de Penedo, no estado de Alagoas, para colocar em prática, um questionário que seria analisado e se procurar descobrir as dificuldades da escola. Identificando-se assim, se tais fatores ainda estariam acontecendo e se teve agravamento ou não na pandemia.

As perguntas foram respondidas pela diretora, coordenadora e as professoras das turmas do 3º ao 5º ano do ensino fundamental. Os instrumentos utilizados para a coleta de dados foram o Google Forms e o aplicativo de mensagens WhatsApp, que serviram de instrumento de mediação para essa comunicação, já que os professores estavam em período de férias. Essas duas plataformas facilitaram o diálogo e a construção da pesquisa.

Assim observou-se que as dificuldades de aprendizagem na leitura e escrita é um problema ocasionado por fatores associados diretamente com relações familiares desestruturadas, problemas emocionais, condições de saúde, situação financeira ruim, entre outros. Desse modo, o tema abordado vem ressaltando algumas dificuldades que a instituição vem enfrentando durante o período pandêmico.

Ao analisar os dados colhidos durante a pesquisa surgiram várias dúvidas sobre a evasão escolar e como a comunidade estava reagindo a esta situação crítica, principalmente nesses

dois anos de pandemia. Através do questionário respondido pela equipe pedagógica, conseguiu-se compreender melhor as dificuldades dos alunos e professores frente a essa pandemia e como tal problema, influenciou no ensino aprendizagem dos discentes.

A coleta dos dados aconteceu de forma gradual e coerente a situação vivenciada, tornando o entendimento da observação mais ampla, tratando-se de uma pesquisa bibliográfica. O questionário utilizado solicitava o nome e o e-mail do professor, coordenador ou diretor e a turma nas quais lecionavam. Sendo importante salientar que as perguntas foram criadas no intuito de compreender melhor o processo de ensino-aprendizagem oferecido pela escola, mediante a pandemia.

A instituição pesquisada fora escolhida devido ao fácil acesso quanto à localização geográfica e quanto ao retorno imediato na solicitação de permissão para que a instituição se tornasse alvo deste estudo. O resultado da coleta de dados tornou-se pertinente ao desenvolvimento da pesquisa como um todo, pois através das respectivas respostas da equipe pedagógica da escola, tivemos a base de como lidar com situações referentes a essa. E esse tipo de vivência, exercida em diferentes instituições de ensino, influencia muito na vida acadêmica de

alunos como pesquisadores, o que auxiliará no desenvolvimento da prática posteriormente.

A PARTICIPAÇÃO DA EQUIPE ESCOLAR

A pesquisa foi realizada através de um formulário virtual disponibilizado no link do Google Forms, encaminhado para os profissionais atuantes da escola municipal de educação básica Josef Bergmann, em Penedo/Al. Foram elaboradas seis perguntas e obtendo seis respostas de cada um dos profissionais e opiniões dos seus conhecimentos sobre as dificuldades da aprendizagem da leitura e escrita dos alunos na pandemia. Essas perguntas foram dispostas e analisadas em gráficos como consta abaixo:

Figura 1: 1. O senhor (a) é diretor (a), coordenador (a) ou pedagogo (a) de qual série do ensino fundamental?



Fonte: Elaborado pelas autoras.

A primeira pergunta do questionário ajudou a identificar os perfis dos entrevistados. Foi disponibilizado um campo para resposta, no qual eles se

identificam, citam o cargo que ocupam, o tempo de profissão e a turma que lecionam (no caso dos professores), desse modo, teve-se uma base sobre quantos profissionais atuam na equipe escolar como: professor, coordenador e diretor.

A partir da análise do gráfico percebe-se que os profissionais reconhecem sua área de atuação. Constatamos que 60%, são as professoras do 3º, 4º e 5º ano, os outros 20% é composto pela coordenadora e os outros 20% pela diretora. Não se identificou outros profissionais atuando em outros setores, de certa forma o resultado obtido foi positivo, a maior parte das respostas, tem um panorama real das possíveis áreas que eles se formaram e estão atuando.

3.1 O DESEMPENHO DOS ALUNOS DIANTE DA LEITURA E ESCRITA NA PANDEMIA

Pode-se observar que o desempenho dos alunos, no período pandêmico agravou-se ainda mais diante da situação na qual muitas escolas vivem. Utilizamos um questionário como ferramenta metodológica para nortear a pesquisa, sendo que sua elaboração visou discutir questões relativas à percepção dos discentes quanto o processo de ensino aprendizagem e funções que podem ser exercidas pelo corpo docente, levantando

dados sobre a visão que eles têm acerca do cenário educacional. Para Neitzel (2006, p.99), “a entrega do sujeito à leitura despretensiosa de uma obra literária leva-o a um processo individual e subjetivo de observação, mediação, análise, julgamento, ponderação, articulação e construção de conceitos”. O livro é, pois, um instrumento libertador, tornando-se um símbolo mágico para o educando. Ele permite que o aluno desvende sensações e experiências vivas. Por isso, se dá uma ênfase tão significativa à importância de se tornar um indivíduo alfabetizado e leitor.

Pode-se afirmar que os desafios na escola são diversos, portanto, é de grande importância dar uma atenção mais dedicada aos alunos e principalmente a equipe diretiva, que recebe tantas atribuições e tarefas para conseguir realizar o que é determinado ao seu cargo. Além disso, torna-se necessário que seu combustível pelo interesse da busca que faz com que se mantenha sempre em movimento, aprendendo e descobrindo novos caminhos e maneiras para que seja sempre renovado, pois todas as características atribuídas fazem com que a equipe pedagógica, encontre o seu diferencial e se tornem bons profissionais. Entende-se assim que,

Os processos escolares de ensino/aprendizagem são, em essência, processos interativos

Izuino, Santos, Feitoza, Santos. et al.

com três vértices: o aluno que está levando a cabo uma aprendizagem; o objeto ou objetos de conhecimento que constituem o conteúdo da aprendizagem; e o professor que age, isto é, que ensina, com a finalidade de favorecer a aprendizagem dos alunos. (COLL, 1994, p.103).

Sabe-se que a educação é compreendida enquanto uma forma de desenvolvimento muito importante para a sociedade, podendo compreender que a atuação do pedagogo dentro do âmbito escolar, está relacionada o desenvolvimento do aluno em relação à leitura e a escrita e isso contribuirá para a sua formação pessoal e profissional. O objetivo principal desses atos visa às transformações de cada indivíduo. Diante do exposto, apresenta-se a segunda pergunta do questionário.

Figura 2: A escola tem planos e metas de um ensino de qualidade para os alunos depois da pandemia e melhorar o desempenho deles na leitura e escrita?



Fonte: Elaborado pelas autoras.

Observou-se que a escola Josef Begmann, está planejando-se e agarrando-se as oportunidades para traçar bons planos

e metas, nos quais os alunos tenham um melhor desempenho na aprendizagem da leitura e escrita após a pandemia. Os profissionais estão trabalhando bastante nisto, como mostrado no gráfico, o resultado é de 100% para melhoria dos planos e metas envolvendo cada aluno da instituição. Esta resposta obtida serve para refletir o quanto a equipe da escola se importa com o crescimento dos educandos, pois dessa forma, pode-se dizer que passando vista grossa na dificuldade dos discentes isso pode diminuir o seu desempenho na aprendizagem.

A PANDEMIA AUMENTOU OS ÍNDICES DE EVASÃO ESCOLAR

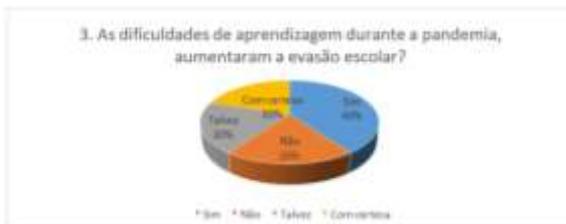
A educação vem sofrendo diversas mudanças no decorrer do ano, tendo em foco um perfil profissional qualificado para atuar em todos os campos educativos, seja nas escolas ou em empresas. Desse modo, o professor precisa estar qualificado para saber lidar com diversas situações que acontecem no meio educacional, como exemplo disto: a pandemia. Pois todo trabalho docente e pedagógico, deve estar centrado na educação do aluno, para que não aconteça evasão escolar. Assim,

O problema do abandono dos estudos e da evasão preocupa os educadores e responsáveis pelas políticas públicas. De acordo com o Ministério da Educação (MEC),

a evasão atinge 6,9% no Ensino Fundamental e 10% no Ensino Médio (3,2 milhões de crianças e jovens, segundo dados de 2005). São mais 2,9 milhões (dados de 2007) que abandonam as aulas num ano e retornam no seguinte, engrossando outro índice preocupante: o da distorção idade e série. (MEC/SEF, 1998 p. 69-70.).

Não é de agora a preocupação de educadores e responsáveis pelas políticas públicas com relação ao problema do abandono dos estudos e da evasão escolar. Para Lopes (2010), o tema não é alheio a ninguém, tratando-se de um problema que chama a atenção de toda a sociedade brasileira, mesmo que em sua grande maioria, de baixa escolaridade e/ou sem instrução formal, aqueles que se encontram à margem da chamada “sociedade civilizada” encarem esse fato como sendo algo normal. A evasão escolar aumentou durante a pandemia e outro problema, que também aumentou nesse período pandêmico, foi a necessidade financeira de muitas famílias, o que acarreta numa mudança de rotina tanto de forma pessoal como educacional. Chegando assim, a pergunta número 3.

Figura 3: As dificuldades de aprendizagem durante a pandemia aumentaram a evasão escolar?



Fonte: Elaborado pelas autoras.

A porcentagem do gráfico se refere a 20% para professora do 3º ano, 40% para diretor e coordenadora, 20% para professora do 4º ano e 20% para a professora do 5º ano. Observa-se nesse momento opiniões divididas com relação à evasão escolar. Mas de um ponto de vista crítico e analítico, percebe-se que as professoras não conseguem atender-se tanto a essa questão quanto uma coordenadora e diretora (como é o caso das pesquisadas), já que estas estão mais a par desses dados.

COLABORAÇÃO PEDAGÓGICA

O trabalho em equipe está relacionado a estratégias, planejamento, formação pessoal e profissional, orientação e coordenação, sendo que o objetivo principal desses atos visa às transformações e desenvolvimento de cada aluno. A colaboração em equipe leva a escola ao mesmo intuito, o de garantir um ensino de qualidade para todos e isso, só pode acontecer da forma correta, se houver

diálogo e participação colaborativa de toda a comunidade escolar.

O processo de contribuição da equipe escolar fora de grande importância na construção desta pesquisa, pois foram bastante flexíveis em suas respostas respeitando as diferenças e ideias distintas de cada um, por esse fato, os entrevistados (as) expressaram suas opiniões com diferentes contextos para que os fatos pudessem ser apurados com mais veracidade. O que será mostrado na próxima pergunta.

Figura 4: O processo de colaboração pedagógica contribuiu na mesma intensidade que no ensino presencial?



Fonte: Elaborado pelas autoras.

Pode-se observar que mais uma vez as opiniões ficam divididas com relação ao questionamento, a porcentagem foi de 40% para as professoras do 3º e 4º ano, 40% para a coordenadora e diretora e 20% para uma professora do 5º ano. Desse modo entende-se que cada envolvido tem o seu ponto de vista com relação ao processo de colaboração pedagógica, mas em conversa informal com uma das

professoras, a mesma manifestou satisfação com relação ao trabalho pedagógico desenvolvido na instituição, pois relatou que sempre se reúnem e chegam a um comum acordo, o melhor pra comunidade escolar em cada momento. Segundo LUCK (2006),

Uma forma de conceituar gestão é vê-la como um processo de mobilização de competência e da energia de pessoas coletivamente organizadas para que, por sua participação ativa e competente, promovam a realização, o mais plenamente possível, dos objetivos de sua unidade de trabalho, no caso, os objetivos educacionais (LUCK, 2006, p. 21).

Assim pode-se dizer que se entende por gestão democrática o ato de gerir uma instituição que promova a participação de todos os indivíduos envolvidos no processo educacional de forma democrática desde os alunos, aos professores, funcionários e a comunidade em geral, para que assim ocorra a busca pela melhoria do ensino. Desse modo, é de suma importância que no âmbito escolar os professores e a equipe diretiva incentivem também os seus alunos a trabalhar em equipe experimentando a troca de ideias e percepções diferentes, através disto os educandos se tornaram aptos a construir seus respectivos conhecimentos e isso, irá estimular e facilitar a troca de aprendizado

com outros indivíduos e a construção de novas atividades e situações adversas.

PRINCIPAIS DESAFIOS APONTADOS PELOS PROFESSORES

Referente aos desafios que a escola enfrentou durante a pandemia é de suma importância frisar as respostas dos profissionais no questionário aplicado. A equipe pedagógica da escola, respondeu como um todo, destacando que o maior problema enfrentado pela instituição na pandemia foi a falta de tecnologia na casa dos alunos, e a não aceitação da família, estes problemas foram os que mais acarretaram a evasão de alunos na escola, pois a escola não podia contar com o apoio e retorno de muitas famílias, devido a falta de acesso as atividades enviadas e ainda houveram as famílias que não se dispuseram a ajudar.

Na visão de Vygotsky (1991) “a aprendizagem é o resultado da interação dinâmica entre a criança com o meio social”, sendo que o pensamento e a linguagem recebem influencias do meio em que convivem. Desse modo entende-se que a aprendizagem acontece por meio de uma zona de desenvolvimento proximal que o autor define da seguinte forma,

A zona de desenvolvimento proximal é a distância entre o nível de desenvolvimento real e o nível de desenvolvimento potencial. O nível real exprime o desempenho da criança ao realizar suas tarefas sem ajuda de ninguém, e o nível potencial representa aquelas tarefas que a criança só consegue realizar com ajuda de alguém. (VYGOTSKY, 1991, p. 97).

Por tanto, é de suma importância a participação da família na vida escolar de um educando. Há tarefas em que se torna imprescindível o apoio e a ajuda de alguém apto para auxiliar na realização da mesma. E como as atividades vinham sendo desenvolvidas todas de forma remota e em casa esse aluno precisava de auxílio e incentivo para realizar suas obrigações escolares, já que este não poderia ir à escola e essa tarefa ser resolvida lá.

Vale enfatizar ainda que torna-se necessário as instituições de ensino reverem seus projetos pedagógicos curriculares de acordo com o cenário da educação do momento atual, priorizando não somente o espaço escolar, mas também os espaços não escolares, para que os estudantes em formação possam adquirir saberes e experiências relacionadas também a esses espaços. A atuação do pedagogo nos espaços educativos não escolares na realidade demonstra um novo campo de trabalho, que sai dos muros da escola formal para

atuar em outros espaços, possibilitando minimizar as necessidades e problemáticas sociais da população.

DESAFIOS E ADEQUAÇÕES NA EDUCAÇÃO

Adentrando aos pontos de questionamentos da pesquisa, foi questionado a diretora, coordenadora e professoras na 6ª pergunta “Qual a responsabilidade que os profissionais da instituição têm com a comunidade escolar para trabalhar e evitar as dificuldades na leitura e escrita dos alunos?”. As respectivas repostas é que acontece de forma lúdica, elas tentam motivar a evolução de todos os estudantes, claro com a colaboração da escola e família. E que a responsabilidade é grande, mas é cumprida à risca pela equipe, pois são muito dedicados no que fazem.

A equipe frisou também que procuram trabalhar em parceria com os pais dos estudantes e desenvolvem sequências didáticas com intuito de amenizar as dificuldades apresentadas pelos alunos. A instituição faz a sua parte em todos os sentidos, desenvolvendo projetos, aulas de reforço para os discentes. “A nossa comunidade escolar é bem preocupada quando se refere à aprendizagem da leitura e escrita dos nossos educandos, estamos sempre

realizando atividades para estimular a leitura e o uso de jogos para desenvolver o processo de alfabetização.” (Diretora da instituição).

Os resultados obtidos através dessa pesquisa faz-nos refletir que esses profissionais reconhecem as áreas de atuação necessárias no processo educativo de uma criança (principalmente quando estão em fase de alfabetização), que levam para escola estratégias que os ajudem a aguçar a curiosidade e participação dos alunos no desenvolver das atividades escolares, e compreendem suas limitações diante da realidade na qual se vive e o tempo com que cada um aprende e se desenvolve. Diante de tudo isso, pode-se afirmar que apesar dos desafios enfrentados pela escola nessa pandemia, a maioria dos problemas foram superados com muita força, determinação e trabalho em equipe.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O tema, dificuldades na leitura e escrita do 3º ao 5º ano na escola Josef Bergmann no cenário pandêmico, abordado neste artigo, comprovou-se, que há de fato, muitas dificuldades enfrentadas pelos professores e pelos alunos quanto a aprendizagem da leitura e escrita no cenário pandêmico, assim como exposto no tema deste artigo. E Constatou-se

também que a equipe diretiva, junto aos docentes, vem fazendo o seu melhor para tentar diminuir ou erradicar essas. Para tal torna-se necessário que a equipe pedagógica desenvolva estratégias concretas e significativas para que esses obstáculos sejam superados aos poucos, tendo em vista que a escola tem a obrigação de manter o cuidado com a adequação social dos códigos linguísticos apresentados aos seus discentes.

Evidenciou-se, durante o desenvolvimento do artigo, que ler e escrever não significa apenas de/codificar códigos, conhecer as formas das palavras e memorizar todas as letras do alfabeto, nem tão pouco apenas montar palavras para desenvolver a escrita em um papel, o ato de ler e escrever é muito mais importante que isso, ou seja, é abranger os mais diversos gêneros de leitura, ampliando os conhecimentos das crianças acerca do mundo e promovendo às mesmas, o autoconhecimento, o enriquecimento cultural, intelectual e social.

Entende-se que a contribuição desta pesquisa se dá de forma bastante significativa na formação cidadã e crítica de um acadêmico. Partindo deste pressuposto construiu-se este artigo, utilizando a metodologia da pesquisa bibliográfica, a de campo e a entrevista direcionada aos profissionais da escola Josef Bergmann. Satisfazendo-se assim com todo o

desenvolver e elaboração deste trabalho desde a escolha do tema até a obtenção de resultados mais claros, precisos e de tal aproveitamento.

A partir das leituras realizadas no decorrer da pesquisa, foi possível entender que a prática pedagógica nas organizações tem um papel central e importantíssimo, com possibilidades de influir no redirecionamento do ensino-aprendizagem, atuando na construção da autonomia, resgatando a importância do processo de leitura e escrita dos alunos, e por isso, no período pandêmico deu-se uma atenção maior e mais valorização ao planejamento e desenvolver de atividades que viessem a contribuir para um maior desempenho cognitivo dos alunos.

Durante o período de construção deste trabalho de pesquisa, é possível afirmar que as autoras que participaram do processo de elaboração do mesmo, são capazes de contribuir significativamente para a afirmação da gestão democrática e formação cidadã dos sujeitos com respeito à diversidade cultural, na qual a discussão coletiva, a reflexão e o estudo dão suporte à busca de alternativas válidas, que, de fato, vão interferir na mudança da realidade.

Portanto, é importante ter em mente que a escola não vive apenas de teorias, já que tem de estar atenta a situações mais variadas que possam surgir

como ocorreram durante esses dois anos de pandemia, pois muitas vezes se vive em contato com obstáculos, que não se pode evitar e que adentram na comunidade escolar. E por isso deve-se ter nítida a ideia de que todos são capazes de construir conhecimentos, valores e ter atitudes, tornando-se sujeitos críticos, autônomos, éticos e participativos.

Torna-se evidente que sem a presença de um bom diálogo nas possíveis situações, o acompanhamento escolar, a avaliação flexível dos resultados, cabendo ainda à reflexão sobre a importância e a necessidade da ajuda e apoio familiar com o comprometimento pela busca do sucesso da aprendizagem do aluno, não se teria realizado com excelência esse trabalho escola/família/escola na pretensão de atender da melhor forma possível esses estudantes e amenizar, mesmo que não tenha sido 100% os danos que essa pandemia trouxe para a educação.

Desta forma, acredita-se que a melhoria da qualidade do ensino pode ser impulsionada pela formação continuada dos professores, visando um melhor ensino e comprometimento para lidar com determinadas situações que acontecem no contexto escolar, melhorando assim, as relações interpessoais e melhorando também o ambiente da comunidade escolar como um todo.

REFERÊNCIAS

ARANA, KLEBIS. Alba, Augusta. A importância do incentivo à leitura para o processo para o processo de formação do aluno: São Paulo: Didática, 2015.

BRASIL, Parâmetros Curriculares Nacionais: Ensino Fundamental: Língua portuguesa / Secretaria de Educação Fundamental – Brasília: MEC/SEF, 1998 p. 69-70.

BRASIL. LDB – Lei de Diretrizes e Bases da Educação Brasileira – Lei nº 9394 de 20 de Dezembro de 1996. Editora Saraiva.

BRASIL. MEC. PDE: Plano de Desenvolvimento da Educação: Prova Brasil: ensino fundamental: matrizes de referência, tópicos e descritores. Brasília: MEC, SEB; INEP, 1997.

CAGLIARI, Luiz Carlos. O ensino e a aprendizagem: os dois métodos. In: Alfabetização sem o ba-be-bi-bo-bu. São Paulo. Scipione, 1999.

CORDEIRO. Karolina. Impacto da pandemia na educação: a utilização da tecnologia como ferramenta de ensino. 2020. P. 3.

COLL, César. Aprendizagem Escolar e Construção do Conhecimento. Porto Alegre: Artmed, 1994.

_____. Decreto 5.154, de 23 de julho de 2004. Regulamenta o § 2º do art. 36 e os arts. 39 a 41 da Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, e dá outras providências. Diário Oficial da União, de 26/07/2004. Brasília, DF.

FERREIRO. Emília e TEBEROSKY. Ana, Psicogênese da língua escrita. Porto Alegre: Artes Médicas, 1985.

FREIRE, Paulo. Intitulada A Importância do Ato de Ler (1988).

FREIRE, Paulo. Educação como prática da liberdade. 23ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1999.

KISHIMOTO, Tizuco Morchida. Jogo, brinquedo, brincadeira e a educação. 7 ed. São Paulo: Cortez, 1996.

LIBÂNEO, José Carlos. Pedagogia e Pedagogos para quê?. 12º ed. São Paulo: ed. Cortez, 2010.

LOPES, Noêmia. Como combater o abandono e a evasão escolar. Gestão Escolar, Edição 007, Abril/Maio 2010. Disponível em: <http://gestaoescolar.abril.com.br/aprendizagem>. Acesso em: 08 fev. 2022.

LUCK, Heloísa (Org.). Gestão escolar e formação de gestores. Em Aberto, Brasília, v. 17, n. 72, p. 1-195, fev./jun., 2006.

MORAN. Metodologias ativas para uma educação inovadora. Porto Alegre: Penso, 2018. p. 6.

MIRANDA. Kacia Kyssy Câmara de Oliveira, LIMA. Alzenir da Silva, OLIVEIRA. Valeska Cryslaine Machado de, TELLES. Cinthia Beatrice da Silva, Aulas remotas em tempos de pandemia: desafios e percepções de professores e alunos. Rio Grande do Norte: Conedu, 2020.

NEITZEL, Adair de Aguiar. Sensibilização poética: educar para fruição estética. In: SCHLINDWEIN, L. M.; SIRGADO, A. P. (Org.). Estética e pesquisa: formação de professores. Itajaí: Univali, Maria do Cais, 2006.

PEREZ, C. L. V. O prazer de descobrir e conhecer. IN: GARCIA, Regina Leite

(org.). Alfabetização dos alunos das classes populares, ainda um desafio. São Paulo: Cortez, 1992.

RANGEL. E. O.; ROJO. R. H. R. Língua Portuguesa. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2010. V.19.

SOUZA. A importância da leitura e escrita na perspectiva da alfabetização e do letramento. João Pessoa-PB: UFPB, 2016.

UNESCO [UNITED NATIONS EDUCATIONAL, SCIENTIFIC AND CULTURAL ORGANISATION] COVID-19 Educational disruption and response. Paris: Unesco, 30 July 2020a.

Disponível em:
<http://www.iiep.unesco.org/en/covid-19-educational-disruption-andresponse-13363> Acesso em: 15 de out de 2021.

UNESCO. U. N. E., SCIENTIFIC AND CULTURAL ORGANISATION. Educational disruption and response. Paris: Unesco, 27 Septem 1974.

Disponível em:
<http://www.iiep.unesco.org/en/educationa-1-disruption-and-response-13363> Acesso em: 28 de ago de 2021.

VYGOTSKY. Lev Semionovitch, A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

Esta obra está sob o direito de
Licença Creative Commons
Atribuição 4.0 Internacional.

EDUCAÇÃO INFANTIL: UMA ANÁLISE DO PROCESSO DE ADAPTAÇÃO DA CRIANÇA EM DUAS ESCOLAS DE PENEDO ALAGOAS.

Fernanda da Silva Santos¹

Graziele Lima dos Santos²

Sandra Cristina de Sousa Alves³

RESUMO

O objetivo desse estudo é analisar a importância da socialização e da convivência no ambiente escolar com adultos e crianças diferentes, compreendendo os limites de cada novo aluno. Neste artigo propõe-se entender a importância de um ambiente harmonioso no processo de adaptação, compreender a necessidade de ter um planejamento, conhecer a história de vida de cada criança para encontrar meios que facilitem a adaptação, e abranger atitudes pedagógicas que deverão ser tomadas nesses casos. A metodologia usada para atingir o objetivo proposto foi conduzir o trabalho de conclusão de curso da faculdade Raimundo Marinho de Penedo que além de falar sobre a adaptação da criança no ambiente escolar, pretende ainda, trazer soluções e agilidade para esse processo, compreendendo a importância de procurar melhorias para o mesmo. Depois que passa todo esse processo de adaptação a relação da criança com a escola é outro. A chegada se transforma em algo prazeroso, há uma relação já estabelecida com a equipe escolar e também com os colegas. O medo do ambiente antes desconhecido dá lugar à curiosidade e busca por aprender novas habilidades. O processo de adaptação escolar é crucial para que a criança estabeleça um vínculo com a instituição e fique à vontade para aprender. Esse processo é muito importante, ainda que seja difícil para os pequenos e também para a família, é preciso empenho a fim de tornar essa adaptação mais rápida e dar lugar ao aprendizado social, emocional e físico que as crianças merecem e precisam.

PALAVRAS CHAVES: Adaptação. Criança. Escola. Ambiente. Processo.

¹ Graduanda em Pedagogia pela Faculdade Raimundo Marinho de Penedo-Alagoas. Endereço eletrônico: fernandab.730@outlook.com

² Graduanda em Pedagogia pela Faculdade Raimundo Marinho de Penedo-Alagoas. Endereço eletrônico: Lgrazy897@gmail.com.

³ Pedagoga. Bacharela em Direito. Pós graduada em Diretos Processuais pelo Centro de Estudos Superiores de Maceió (Cesmac) e em Direito Educacional pela Faculdade Pio X/Cenfap. Professora do curso de Pedagogia da Faculdade Raimundo Marinho de Penedo e Servidora Pública da área de educação do município de Penedo. Endereço eletrônico: prof.sandra@frm.edu.br.

1. INTRODUÇÃO

Uma das principais preocupações dos pais ao colocar seu filho na escola é como ele se adaptará aquele ambiente e se será bem recebido pelos professores e colegas de turma. Com isso, saem da porta da escola repletos de dúvidas, “Será que meu filho vai ficar bem?”, “Será que vão lhe dar atenção?”, “Será que algum coleguinha vai tentar brigar com ele?”, e mais algumas dúvidas vão surgindo.

O presente artigo retrata sobre como tem ocorrido o processo de adaptação de crianças nos primeiros dias de aulas, em duas escolas de Penedo Alagoas, para tanto utilizou-se de método de pesquisa misto (qualiquantitativo), com o intuito de obter mais conhecimentos sobre o tema abordado e ainda destrinchar sobre a problemática que o estudo apresenta, que seria sobre como as escolas e as equipes pedagógicas trabalham para facilitar a adaptação da criança, pois, observou-se durante as práticas dos estágios supervisionados do curso que se trata de um tema pouco pesquisado e, na maioria dos casos mal interpretado, por parte de pessoas que acham que a dificuldade de adaptação de uma criança é frescura ou dengo. O objetivo

da pesquisa foi de conhecer os motivos pelos quais as crianças sentem dificuldade em se adaptar, se as escolas estão trabalhando de forma correta para que a adaptação aconteça de forma leve e se os pedagogos são qualificados e se esforçam para adaptar os alunos, e através da execução da pesquisa de campo obter respostas para as dúvidas que despertaram as pesquisadoras para o tema.

A adaptação quando trabalhada de uma forma correta, com carinho, afeto, empenho e diversidade de estratégias didático-pedagógicas, pode acontecer mais rapidamente. Por este motivo, deve-se também mostrar para os pais que os seus filhos estarão em boas mãos e serão bem cuidados para que não haja preocupações ou se dê margem para outros entendimentos.

É fundamental que seja levado em conta que a criança jamais esteve naquele lugar e com tantas pessoas estranhas à sua convivência, e por esse motivo ela não deve ser mal tratada ou simplesmente os docentes devem achar que aquilo é drama. É necessário investigar os motivos caso a criança não se adapte de forma nenhuma dentro do ambiente ou que demonstre algum tipo de irritação ou desenvolva

alguma das formas de violência durante esse período de adaptação.

Quando se fala sobre adaptação escolar, de fato lembramo-nos de crianças chegando na escola em seu primeiro dia de aula e caindo no choro e, no desespero do professor para contê-la. Com isso, é importante estar preparado (a) para lidar com essa situação que é tão corriqueira nas turmas de educação infantil, como agradar aquela criança, e ainda como deixar os pais tranquilos.

2. ADAPTAÇÃO NA EDUCAÇÃO INFANTIL

A adaptação escolar não acontece apenas quando a criança vai à creche ou inicia no Jardim, mas sempre que se depara com uma nova etapa educacional e um novo ambiente diferente do de costume, além do que, a cada mês ou ano conhece pessoas novas e terá que aprender a fazer amizades, se enturmar, desapegar mais da família e se apegar mais ao ambiente no qual precisará tirar um ou dois períodos do dia para ir por bastante tempo.

Segundo Ladwig, Goi e Souza (2013, p. 02):

A necessidade de a mulher ingressar no mercado de trabalho impôs a elas a separação, desde

cedo, de seus filhos e, dessa forma, delegar a outros os cuidados que seriam seus. A separação da mãe e a adaptação ao novo meio é um processo doloroso para a criança, principalmente para os bebês de zero a dois anos; para os pais um momento de ansiedade; e para os professores um desafio.

De fato, a situação em que os autores citam é a que mais acontece atualmente, onde a mãe precisa trabalhar e tem que deixar o seu filho em um lugar onde ele não se sente familiarizado de início.

Outro ponto importante a ser colocado em pauta neste momento de discussão sobre o processo de adaptação na educação infantil é o de que o momento de desespero ao separar-se dos pais, não acontece apenas com crianças que vão à escola pela primeira vez, mas até mesmo com as que já conhecem o ambiente e por ter passado uns dias de férias, chegam na escola como se nunca tivessem visto aquele lugar. Sobre isso, Brito (2011 pág. 6) Expressa:

O papel da escola é o de favorecer a criança, ajudá-la a desenvolver os Sistemas psicológicos que determinarão as adaptações adequadas ao novo ambiente, ajudá-la a adquirir mecanismos positivos frente a novas situações e, assim, poder se integrar ao novo grupo e à escola.

A memória da criança também é algo fraco que faz com que algumas não se lembrem muito bem daquele lugar, o que influencia no seu surto novamente dentro daquele ambiente. Por este motivo, é fundamental o cuidado para adapta-la.

3. PLANEJAMENTO PARA FACILITAR O PROCESSO DE ADAPTAÇÃO

De acordo com Ladwing, Goi e Souza (2013), É um dever da escolar promover com cuidado a separação dos pais com os filhos, não deixando a criança se sentir insegura e abandonada, e com isso ter a responsabilidade de fazer a criança se sentir bem vinda e acolhida pela instituição. Vygotsky (1998), comenta que a criança se desenvolve socialmente, a partir da interação com outras pessoas, o seu processo de linguagem é uma construção, daí a importância do convívio com outras crianças.

Planejamento é sempre necessário para se ter um bom resultado em absolutamente tudo. Ladwing, Goi e Souza (2013, p.9) afirmam:

Traçar um roteiro de como acontecerá a chegada dos alunos nos primeiros dias, pensar em

tempos, espaços, materiais e atribuições de cada profissional da escola são aspectos fundamentais para garantir a qualidade da adaptação.

A forma como as crianças são acolhidas em seu primeiro momento dentro da escola, pode ser algo que ela leve para a vida. Por esse motivo, é importante que ela seja recebida com afeto e acolhimento. Segundo RCNEI (1998, p.82):

O professor pode planejar a melhor forma de organizar o ambiente nestes primeiros dias, levando em consideração os gostos e preferências das crianças, repensando a rotina em função de sua chegada e oferecendo-lhes atividades atrativas. Ambientes organizados com material de pintura, desenho e modelagem, brinquedos de casinha, baldes, pás, areia e água etc., são boas estratégias.

O afeto é algo que contribui de forma positiva para o processo de adaptação, para isso, é preciso se aproximar da criança, conhece-la, conversar assuntos do seu interesse, sentir sua emoção e interagir com ela, Sobre esse aspecto, Reda e Ujiie (2009, p.6) afirmam:

Criar um clima propício de aproximação não é tão simples. É preciso um olhar cuidadoso e atento para perceber o que aproxima as crianças. Esse tipo de

ação contribui para a consolidação de vínculos afetivos e de vivência. Nesses casos, o que está em jogo é o exercício da convivência, são as pequenas ações que fazem prevalecer à comunhão de uns com os outros, a socialização, enfim a efetivação do processo de adaptação de sucesso.

Quando a criança chega à escola o maior medo dela é estar no meio de pessoas desconhecidas, quando ela faz uma amizade, aquela amizade passa a não ser mais um desconhecido, favorecendo a adaptação dela em sala, pois os amigos ajudam aquela criança a se sentir mais segura. Os trabalhos em equipe, as brincadeiras em grupo, as duplas para atividades, facilitam não só na adaptação como na união das crianças.

4. ATITUDES E PRÁTICAS QUE A EQUIPE PEDAGÓGICA DEVE EXERCER

Como afirma Amorim, Vitória e Rossetti-Ferreira (2000), é na creche onde a criança conhece o seu primeiro campo, lugar onde o(a) professor(a) desenvolve atividades com as suas crianças. No caso de bebês, o ambiente é o berçário composto por berços ou colchões onde o bebê passa grande parte do seu dia. É neste mesmo ambiente que ocorre o primeiro vínculo

entre educador e criança, conforme demonstram as autoras:

Nesses ambientes, a construção do vínculo afetivo entre a criança e a educadora responsável constitui um processo gradativo e exerce um papel central na inserção da criança no novo ambiente, particularmente no primeiro e segundo anos de vida. Essa construção é mediada pelas relações que se estabelecem entre a mãe e a educadora, pelos membros da equipe da creche (coordenadora, técnicos) e pelo programa educacional, o qual é planejado de acordo com a faixa etária das crianças a que atende e se traduz em rotinas de atividades específicas. (AMORIM, VITÓRIA E ROSSETTI-FERREIRA, 2000, p.134)

O processo de adaptação é um processo complexo e que não pode ser desprezado, deve ser tratado com delicadeza e com calma e a partir disso os pedagogos deve procurar construir ações coerentes que atendam às necessidades das crianças nesse momento.

É necessário que os pedagogos compreendam as ações da criança quando estão com medo, por exemplo, tendem a levar um objeto ou um brinquedo que costumam ter perto para se sentirem mais seguras. Com isso, a professora deve propor

atividades que precisem trabalhar em grupo para incentivar a socialização entre eles e assim conseguir uma adaptação mais rápida daquele aluno.

5. MATERIAIS E METODOS

No presente artigo, foi realizado um estudo, através de pesquisa bibliográfica, aliada à pesquisa de campo, com aplicação de questionários, com perguntas e respostas de cunho qualitativo, tais pesquisas embasaram o trabalho em questão, reunindo e comparando dados de duas escolas que serviram para confirmar e esclarecer hipóteses que foram levantadas no decorrer do processo de elaboração deste artigo.

Devido a grande maioria das escolas estarem em período de férias, houve algumas complicações para realização da pesquisa de campo. Os gestores responsáveis pelas escolas procuradas não se disponibilizaram a tirar um tempo de suas férias para responder tais questionários, o que dificultou a execução da pesquisa. Com muita persistência foi conseguido duas escolas, uma de rede pública e uma da rede privada que aceitaram falar sobre suas experiências e fazer parte da pesquisa apresentada.

Para que fosse possível o esclarecimento de dúvidas e o aprofundamento do tema utilizou-se a pesquisa de campo com investigação através de questionário aberto aplicados aos gestores, coordenadores e duas professoras da educação infantil, de duas escolas campo de pesquisa que se disponibilizaram através de meios online para responder alguns questionários que foram criados especialmente pensando nas vivências dessas pessoas dentro da escola. Cada questionário foi feito apropriadamente para cada profissional, assim poderiam responder cada pergunta de forma fácil e com satisfação.

Ao receber a devolutiva dos questionários e percebendo as pesquisadoras que haviam algumas respostas muito evasivas e sem conclusão, entraram em contato, via aplicativo de Whatsapp com os pesquisados, esclarecendo dúvidas e então reenviaram as questões a serem respondidas. Assim puderam responder com calma e ainda explicar a dúvida deixada. Com isso, foi possível conseguir ainda mais explicações sobre a temática.

Essa pesquisa foi fundamental para o enriquecimento do trabalho de conclusão de curso, pois através dela foi possível retirar todas as dúvidas que ficaram na parte teórica do trabalho e assim conseguir aprofundamento sobre a temática e a problemática abordada.

6. RESULTADOS E DISCUSSÕES

As perguntas feitas abaixo são as maiores dúvidas sobre a adaptação da criança na sala de aula, pois é interessante saber sobre a presença dos pais em sala, no que isso influencia para a criança e também sobre a recepção que a escola oferta, pois é nesse momento que os pais vão analisar se a escola irá acolher seus filhos de forma afetuosa.

QUESTÕES		
	GESTOR 1	GESTOR 2
Quanto tempo os pais ficam presentes na sala de aula?	<i>De quatro a oito semanas. De acordo com a necessidade do aluno.</i>	<i>Isso é muito relativo, pois há pais que não precisam demorar e pais que chegam a permanecer por até 2 horas. Isso nas duas primeiras semanas. Depois disso, geralmente, não é mais preciso que eles fiquem.</i>

Qual o tipo de recepção da equipe pedagógica no primeiro dia de aula?	<i>A nossa recepção é feita com todos que compõe a instituição. A apresentação de toda equipe, é fundamental, para criar um ambiente acolhedor aberto às diversidades. No segundo momento temos uma nova acolhida feita pelas professoras e auxiliares, de forma lúdica, para despertar o interesse da crianças em sua permanência na escola.</i>	<i>A recepção é feita com dinâmicas, músicas infantis, jogos e brincadeiras.</i>
No caso dos filhos não se adaptarem, os pais podem ficar presentes na escola? Por quanto tempo?	<i>Sim, por alguns dias. De quatro à oito dias.</i>	<i>Eles podem permanecer na escola o tempo que a criança estiver, até a criança se adaptar. Podendo chegar mais tarde e sair mais cedo, estendendo o horário até a criança se adaptar.</i>

FONTE: Pesquisa de campo, novembro/2021.

As formas como os dois gestores das escolas campo de pesquisa lidam com a fase da adaptação não são tão diferentes, já que priorizam o bem estar das crianças e prezam pelas atividades lúdicas que são atrativas, além de prepararem um ambiente acolhedor

que deixem os alunos encantados a ponto de esquecer do choro. Ter uma equipe preparada para enfrentar as dificuldades com a adaptação também é fundamental, e as duas escolas demonstraram que priorizam isso em suas equipes. Os diretores também deixam claro que a união entre os pais e a equipe pedagógica é fundamental e até que as crianças se sintam seguras os pais podem ficar na escola, assim deixando os próprios pais mais calmos.

O ambiente físico das duas escolas que foram visitadas pelas pesquisadoras, são encantadores e no entender daquelas apropriados para receber crianças. De fato, as duas escolas têm suas particularidades, já que uma é pública e a outra particular, com isso uma tem mais recursos que a outra, mas mesmo assim os gestores são empenhados em deixar o ambiente o mais acolhedor possível.

Quando são citados os coordenadores escolares, surge a dúvida de qual o papel deles frente às questões sobre adaptação? já que o primeiro pensamento é de que o coordenador está apenas a frente de cuidar sobre documentação, livros e outros assuntos da escola em geral.

Nas questões abaixo é explicado exatamente o papel do coordenador.

QUESTÕES COORDENADORA 1	COORDENADORA 2	
De qual maneira é planejado o período de adaptação para proporcionar a melhor experiência para os envolvidos?	<i>Através de reuniões com a equipe, planejando uma acolhida cheia de afeto para com as famílias e crianças.</i>	<i>Durante a semana pedagógica, reunimos todos os envolvidos desde o porteiro a equipe gestora para organização de todos os ambientes, preparação da sala de atividades com objetos e enfeites pertinentes a cada fase da Educação Infantil.</i>
Quais os tipos de comportamento que os pais costumam ter que atrapalham a adaptação da criança na chegada a escola?	<i>Os pais que não dialogam com suas crianças sobre a creche e os professores e mostram insegurança ao sair.</i>	<i>Muitas famílias querem permanecer em sala de aula por muito tempo, com a criança no colo. Alguns familiares não conseguem deixar a criança em sala, causando insegura</i>

		<i>nça para a mesma. Outros cedem aos pedidos da criança e as levam para casa.</i>
Qual o papel do coordenador frente a adaptação das crianças?	<i>Nós conversamos com as famílias sobre a pedagogia da escola, apresentamos a equipe que cuidam de seus filhos, todas as pedagogas e mostramos a rotina da creche através de reunião</i>	<i>Apoiar, sugerir atividades adequadas a fase das crianças no período de adaptação e acompanhar o processo junto aos professores e a família.</i>

FONTE: Pesquisa de campo, novembro/2021.

As entrevistadas deixam claro que o papel do coordenador é auxiliar toda a equipe pedagógica a construir o ambiente acolhedor que as crianças precisam, ele guia a equipe sobre como devem facilitar a adaptação e estar sempre presente para ajudar no que for preciso tanto para o professor como para o gestor e o aluno.

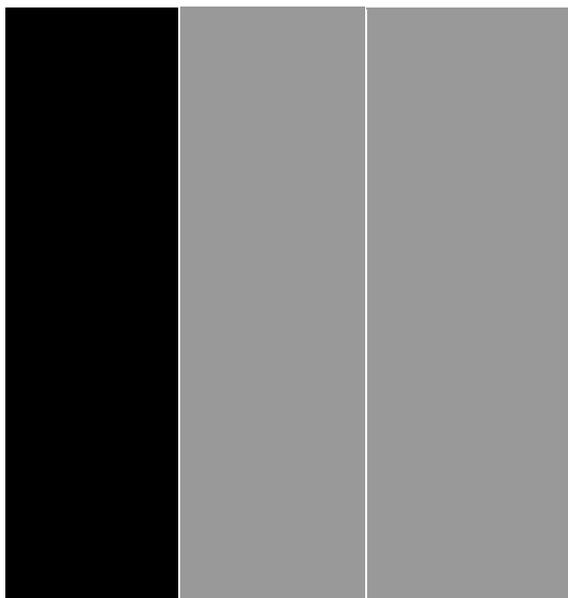
O professor é o norteador para a adaptação fluir de forma leve e rápida, é através dele que o aluno criará vínculos,

amizades, seguranças e com isso surge as dúvidas de como o professor faz para conseguir ser tão marcante para o aluno e quais seus métodos para trabalhar a adaptação?.

De qual maneira é planejado o período de adaptação para proporcionar a melhor experiência para os envolvidos?	<i>O planejamento ele é feito na semana que antecede o início do ano letivo, onde o professor toma conhecimento sobre a turma e recebe algumas informações sobre as crianças para assim tornar a adaptação mais prazerosa para ambas as partes, a partir daí o professor consegue planejar uma recepção com atividades e brincadeiras que sejam mais interessantes e adequadas para as crianças e de acordo com suas características.</i>	<i>Preparar a sala com objetos de transição como fotos da família, objeto da criança (brinquedo), é importante tentar receber poucas crianças por vez para que se possa atendê-las de forma individualizada para que haja interação entre criança e a professora. Proporcionando assim um ambiente seguro e acolhedor para que as crianças possam se adaptar ao novo meio.</i>

<p>Nesse processo qual é o papel do professor?</p>	<p><i>O papel do professor é tornar o ambiente o mais caloroso e acolhedor possível, preparar o mesmo para a chegada das crianças, conversar com os pais e tranquilizá-los, oferecer atividades e jogos de seu interesse, proporcionar momentos de descontração e diálogos com brincadeiras, músicas e estabelecer rotinas.</i></p>	<p><i>Orientar os pais e tranquilizar os pequenos demonstrando interesse nas crianças e principalmente em seus sentimentos. Intermediar as atividades e brincadeiras de forma lúdica e tentando fazer com que as crianças interajam entre si.</i></p>	<p>Como deve ser feita a adaptação de uma criança que mudou de escola?</p>	<p><i>precisa ter discernimento para agir.</i></p> <p><i>A escola deve promover meios para que a criança conheça com antecedência a escola como um todo com a participação dos pais ou responsáveis para que ela possa conhecer a nova rotina a qual fará parte, é importante que ache dialogo entre os responsáveis e o professor para que o mesmo possa conhecer mais</i></p>	<p><i>Mostrar confiança na nova escola, em seus educadores e na decisão de mudança é algo que a criança percebe. Antes da mudança em si, os pais devem conversar com o filho sobre a nova escola. Fazer juntos o futuro caminho até ela. Se a nova escola for em uma nova cidade, pesquisarem juntos sobre ela.</i></p>
<p>É possível contornar os desafios do primeiro dia de aula e garantir a satisfação das famílias?</p>	<p><i>Sim, o primeiro dia de aula é cheio de desafios, porém com dedicação e planejamento das ações e diálogo com os responsáveis o professor consegue garantir a satisfação dos familiares, mesmo que algo adverso aconteça, já que é comum que algo fuja do esperado principalmente no primeiro dia de aula e o professor</i></p>	<p><i>Sim, a escola junto com os professores deve proporcionar momentos de interação dos pais no primeiro dia letivo ou, até mesmo, na semana inteira de adaptação, pois a presença dos familiares ajuda a criança a passar pela experiência com mais calma.</i></p>	<p><i>a criança para planejar suas ações de acordo com suas características para que ela se sinta acolhida e acima de tudo que o professor respeite o seu tempo.</i></p>	<p><i>A escola também pode ajudar nesse processo enviando uma foto da nova classe, o que pode fazer com que a criança já vá conhecendo alguns rostos e ambientes. Quando a criança chegar na nova escola, proporcionar assuntos para</i></p>	

		<p><i>que a criança tenha o que apresentar aos colegas sobre si mesma é interessante.</i></p>
<p>Como lidar com o choro em sala de aula?</p>	<p><i>O choro é muito comum entre as crianças pequenas é a maneira que a criança tem para se comunicar e expressar o que a incomoda e não deve jamais ser ignorado, o professor deve sim observar, dialogar e entender qual é o motivo que a levou ao choro e é importante também que haja uma conversa para explicar o que está acontecendo para a criança e o que vamos fazer na escola. Como recurso o professor deve oferecer a criança objetos de seu interesse e confortar explicando que os pais iram voltar.</i></p>	<p><i>O choro é a uma forma de manifestação da criança para demonstrar o seu descontentament o com algo, na adaptação escolar isso não é diferente, por isso é esperado que isso ocorra, nós como educadoras necessitamos ter a sensibilidade para entender esse choro e procurar estratégias para sanar esse desconforto. Uma das formas é criar vínculo com a criança, bem como tentar trazer algo para a escola que seja pessoal e a faça lembrar da sua família, para que dessa forma a mesma possa sentir-se bem no ambiente escolar para fazer novas descobertas</i></p>



FONTE: Pesquisa de campo, novembro/2021.

As professoras em suas respostas deixaram claro que elas são o “porto seguro” das crianças dentro da sala de aula e que existem várias formas de adaptá-las. Algumas com mais facilidade e outras com um pouco mais de trabalho. De fato, o professor é o maior responsável pela adaptação da criança, é quem precisa estudar diariamente para encontrar métodos que facilitem essa fase, entendendo-se que cada aluno tem sua particularidade.

Um dos maiores problemas na fase da adaptação é o choro que em algumas crianças duram apenas no primeiro dia e em outras duram semanas ou até meses. As professoras citaram que uma das formas de contornar esse choro é criando um vínculo com a criança e fazendo atividades que as façam lembrar da família, assim se sentindo

mais familiarizadas com a sala de aula, o que é de suma importância para que elas fiquem mais calmas.

Entende-se que o principal ponto para conseguir adaptar uma criança é ter um bom planejamento com métodos e técnicas inovadoras que atendam às necessidades de cada um. conheçam e criem laços.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O processo de Adaptação na escola sempre vai existir, e na grande maioria das vezes ele acontece da mesma forma, as crianças sentem medo do ambiente novo e das pessoas que até o momento são desconhecidas. Devido a isso, a compreensão sobre o problema sempre será a mesma, de que os pais e a equipe pedagógica devem caminhar juntos para que a criança possa ter uma boa adaptação.

Para que a adaptação aconteça da melhor maneira, a primeira referência da criança na instituição são os professores, que serão o ponto de partida para esse processo ter sucesso. Os pedagogos precisarão tornar a sua sala de aula um lugar acolhedor e seguro para os alunos, além de demonstrar afeto e cuidado por eles, não só para com eles, como também para os pais,

que precisarão sentir segurança no lugar onde estão deixando seus filhos.

A metodologia usada foi satisfatória para a pesquisa, através dela foi possível entender melhor a problemática e conseguir resultados suficientes para um maior aprofundamento da compreensão do tema abordado.

Para lidar com a questão da adaptação é preciso, principalmente, paciência, pois é um processo delicado, longo e precisa ser tratado com cautela e cuidado. Não se está lidando apenas com a adaptação da criança, mas com a dos pais também. Por este motivo, a instituição de ensino e os pais devem trabalhar em conjunto para obter sucesso nessa caminhada. Devem procurar meios que façam com que as crianças se sintam seguras, e o primeiro passo é que elas percebam que aquele ambiente é seguro e que o seu professor também é seu amigo.

Apesar das dificuldades encontradas para conseguir realizar a pesquisa de campo devido à falta de escolas disponíveis, foi satisfatória a interação com as escolas que aceitaram participar da pesquisa, pois através delas foi possível retirar dúvidas e absorver aprendizados fundamentais para a formação destas pesquisadoras.

REFERÊNCIAS

AMORIM, Katia de Souza; VITÓRIA, Telma.; ROSSETTI-FERREIRA, Maria Clotilde. **Rede de significações: perspectiva para análise da inserção de bebês na creche.** Cadernos de Pesquisa, n. 109, p. 115-144, mar. 2000.

BRASIL, Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1998.

BRITO, Maria do Carmo Amaral. **Adaptação escolar de educação infantil à 8º série.** Tradução por Maria do Carmo Amaral Brito. Porto: Universidade Fernando Pessoa, 2011.

LADWING, Vânia Kunzler; GOI, Rosalina Elizete Pires; SOUZA, Jânia Loines Gonçalves de. **Adaptação e acolhimento na Educação Infantil.** [s.l]. [s.n]. 2013.

REDA, Maysaa Ghassan; UJIIE, Nájela Tavares. **A Educação Infantil e o Processo de Adaptação: as concepções de educadoras da infância.** IX Congresso Nacional de Educação. Irati-Paraná. 2009.



Esta obra está sob o direito de
Licença Creative Commons
Atribuição 4.0 Internacional.

AUTISMO E EDUCAÇÃO: A INCLUSÃO DO ALUNO AUTISTA EM DUAS ESCOLAS MUNICIPAIS DE ENSINO REGULAR DA CIDADE DE PENEDO ALAGOAS

Flávia Maria dos Santos¹

Gleide Selma Lima Ferreira²

RESUMO

O objetivo desse artigo foi investigar e compreender como ocorre o processo de inclusão do aluno autista na escola regular de ensino. A problemática analisada decorre a partir da metodologia de inclusiva utilizada ou ferramentas pedagógicas de inclusão promovidas pelo professor para que o processo inclusivo e de aprendizagem desse indivíduo aconteça. Dessa maneira, verifica-se que existe uma grande lacuna no decorrer desse processo do autista no ambiente escolar. Para obter os objetivos propostos foram desenvolvidos os métodos qualitativo-quantitativo, na intenção de entender como ocorre a inclusão do aluno com autismo no ambiente educacional apoiando-se em bases teóricas de autores como: Baptista (2002), Gikovate (2009), Lakatos (2002), Montoan (2006), Góes (2002) além das leis e documentos que tratam da Inclusão Escolar desse público. Somado a isso, também ocorreu através da prática dos profissionais pesquisados, assim como sua interferência no processo de inclusivo dos alunos. Os dados foram alcançados através de entrevistas semi-diretas. Diante do estudo foi possível perceber que na prática o processo de inclusão dos alunos com autismo acontece, sendo assim, é essencial que os profissionais e os demais envolvidos nesse processo inclusivo, busquem conhecimentos sobre o estudante e o transtorno que ele possui, para que desse modo auxiliem em meios/métodos para superar as dificuldades iniciais e do cotidiano com relação a esse processo, e assim promovam um ambiente educacional equânime.

PALAVRAS CHAVES: Autismo. Educação. Processo Inclusivo.

¹ Graduanda em Pedagogia pela Faculdade Raimundo Marinho de Penedo-Alagoas. Endereço eletrônico: Flaviano2008@hotmail.com

² Pedagoga. Pós-Graduada em Educação Inclusiva pela Faculdade Pio Décimo. Pós-Graduada em Educação Bilingue para Surdo: Libras/Português Escrito, pela Faculdade Serigy. Professora do Curso de Pedagogia da Faculdade Raimundo Marinho de Penedo e da rede pública municipal. Endereço eletrônico: gleidelimaferreira@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

Este artigo intitulado: Autismo e Educação: a inclusão do aluno autista em duas escolas municipais de ensino regular da cidade de Penedo-Alagoas, discorre sobre aspectos relevantes para o entendimento acerca desse processo de inclusão. A escolha do estudo aconteceu após uma experiência de dois anos como acompanhante de um estudante autista em sala de aula do ensino regular no qual observou-se a falta de conhecimento da equipe pedagógica a respeito do Transtorno do Espectro Autista (TEA).

O Autismo ou TEA pode ser definido como um distúrbio de desenvolvimento. É descrito como um espectro, pois as características podem variar do leve ao mais severo, compromete o desenvolvimento normal e se manifesta antes da idade de três anos afetando nos indivíduos a interação social, a comunicação e o comportamento. Essas dificuldades fazem com que os discentes com o Autismo sejam bastante limitados em todo o processo de aprendizagem.

Diante disso, este estudo ganha importância e justifica-se, também, mediante a análise entre teoria e prática, visto que a instituição precisa está cada vez mais preparada e oferecer uma educação equânime que atenda às necessidades desse público no cotidiano escolar. É notória a

necessidade crescente por adequações e modificações na estrutura do ensino regular, em relação ao autista, percebendo-se que a missão é desafiadora, com uma questão a ser respondida: De que forma o educador deve intervir e auxiliar no processo inclusivo em relação ao ambiente escolar? Essa pergunta foi respondida no decorrer da pesquisa.

O objetivo da pesquisa foi investigar quais as estratégias e métodos os professores e os demais envolvidos no sistema de ensino regular têm realizado para a inclusão dos discentes com autismo, uma vez que oferecer meios para a educação equânime ao aluno com autismo tem sido um grande desafio para todos os profissionais da educação. Em alguns casos, a ausência de conhecimentos específicos sobre como ocorre o desenvolvimento cognitivo do indivíduo, sobre o TEA e de qual metodologia aplicar, faz com que surjam dúvidas sobre a forma educacional inclusiva mais adequada para promover esse novo público na atualidade.

A busca pelo conhecimento e ações sobre inclusão relativas ao autismo tornou-se uma necessidade para o bem da coletividade, e sendo assim, será importante compreender e aceitar a diversidade humana para garantir os direitos e deveres do cidadão. Por isso, cabe destacar outro aspecto relevante desse estudo, que diz respeito ao surgimento de inquietações e

discussões em busca de novos horizontes e ideais.

Vale considerar que o autista apresenta um déficit na interação social assim torna difícil a inclusão no âmbito escolar, o que justifica a maior dificuldade em se estabelecer uma proposta educativa adequada a ele.

O estudo foi realizado de forma teórica e por meio da pesquisa em duas escolas municipais da cidade de Penedo/Al, a EMEB Irmã Jolenta e a EMEB Rotary. Os indivíduos envolvidos foram 2 (duas) professoras. A metodologia utilizada foi a qualitativa salientando o caráter do objeto estudado por meio de pesquisa bibliográfica realizada apoiada em materiais já elaborados compostos através de livros, artigos leis e documentos e a quantitativa através da pesquisa de campo.

Para facilitar a leitura esse estudo foi dividido em quatro seções, pode-se destacar: Conceituando o transtorno do espectro autista, A inclusão do aluno autista, Trabalho educativo com o aluno autista, Materiais e métodos e Resultados e discussões. A introdução traz de forma resumida toda estrutura do trabalho. A segunda seção trata de conceitos sobre o aluno autista, discorrendo de forma profunda sobre a inclusão desse aluno no processo ensino aprendizagem, e ainda, descreve o trabalho educativo para esse público. Na terceira seção é dissertado sobre

os materiais e métodos utilizados no estudo. A quarta seção traz os resultados e discussões obtidos durante a pesquisa.

O Estudo expressa-se importante para adquirir conhecimentos acerca do processo inclusivo do aluno autista nas instituições públicas de ensino, como é desenvolvido, quais estratégias e métodos ofertados para tal processo ocorrer de forma significativa. A perspectiva é, segundo esse artigo, mostrar a relevância do processo inclusivo no ambiente educacional para o público com TEA, pois ele tem o objetivo de possibilitar uma melhor visão de como ocorre esse processo e dessa forma promover uma reflexão sobre estratégias e métodos podem ser pensadas e organizadas para tender esse público de maneira equânime.

2. CONCEITUANDO O TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA

Alunos com Transtorno do Espectro Autista (TEA) “se caracterizam pela presença de um desenvolvimento atípico na comunicação e na interação social pela presença de comportamentos e restritos”. (ASSOCIAÇÃO PSIQUIÁTRICA AMERICANA, 2014, p.49). Acrescenta-se que devido às características diferenciadas, que variam de aluno para aluno, o processo de aprendizagem dos estudantes com TEA necessita de adaptações que confrontam os

tradicionais métodos de ensino, já que impõem desafios aos docentes e, por conseguinte, traz a superação de barreiras para garantir a permanência no ensino regular.

O termo “Autismo” foi nomeado pelo psiquiatra Leo Kanner tendo como base a terminologia originalmente concebida por seu colega suíço Eugene Bleuler em 1911. Bleuler utilizou o termo “autismo” para descrever o afastamento do mundo exterior observado em adultos com esquizofrenia, que tendem a mergulhar em suas próprias fantasias e pensamentos (GÓMEZ e TERÁN, 2014, p. 447).

Ante essa afirmação, fica entendido que esse “afastamento do mundo exterior” se caracteriza como uma forma de comportamento em que a pessoa centra sua atenção apenas no mundo externo, sem concentração para absorver informações precisas que serão relevantes em seu processo de aprendizagem. Então, isso precisa ser acompanhado e trabalhado por especialistas que conhecem os transtornos e aprenderam técnicas para conduzir o indivíduo de maneira que aprenda e seja incluído a partir das suas limitações.

Em relação às características dos transtornos evasivos pode-se observar as seguintes:

Quadro 1 - Características dos transtornos invasivos.

Transtorno de Rett

- Apenas no sexo feminino
- Desenvolvimento progressivo de múltiplos déficits específicos após um período de funcionamento normal durante os primeiros meses de vida.
- Perdas das habilidades voluntárias com as mãos (adquiridos durante os cinco primeiros meses de vida), com desenvolvimento de movimentos estereotipadas, semelhante a lavar e torcer as mãos
- Problemas de coordenação na marcha e nos movimentos do tronco.
- Graves prejuízos de desenvolvimento de linguagem expressiva e receptiva.
- Severo retardo psicomotor, microcefalia. Está tipicamente associado com retardo mental severo ou profundo.
- Pode ocorrer transtorno convulsivo

Transtorno de Asperger

- Atinge mais o sexo masculino.
- Não ocorrem atrasos significativos na linguagem, apesar de ocorre prejuízo na interação social e nos padrões de comportamento repetitivo.
- A inteligência global é normal na maior parte dos casos.
- Não ocorrem atrasos significativos nas habilidades de autoajuda

<p>apropriadas para a idade, no comportamento adaptativo (que não de interação) e na curiosidade acerca do ambiente na infância.</p> <ul style="list-style-type: none"> • Identificado mais tarde, no período escolar
<p>Transtorno desintegrativo da infância</p> <ul style="list-style-type: none"> • Ocorre predominantemente no sexo masculino. • Regressão em múltiplas áreas do funcionamento, após um período de desenvolvimento aparentemente normal (interação social, comunicação e do comportamento). • Irritabilidade, ansiedade e hiperatividade. • Perda do controle intestinal ou vesical. • Está associado com retardo mental severo. • Sinais neurológicos inespecíficos, incluindo transtorno convulsivo

Fonte: Martins, Preusseler e Zavschi (2002, p. 43-46).

Além disso, é indispensável saber que o TEA pode vir acompanhado de outros distúrbios, como: depressão, epilepsia e hiperatividade. Apresenta-se em graus variados desde os mais severos (em que a pessoa não fala, não olha, não mostra interesse algum no outro) até os mais leves, chamado de alto funcionamento (falam, são capazes de acompanhar o estudo normal,

desenvolver-se em uma profissão, criar vínculos com outras pessoas).

Então, torna-se impossível garantir um processo de inclusão ao aluno autista no ensino regular caso o sistema de ensino não atente ao diagnóstico preciso a partir das características desse transtorno, da compreensão do indivíduo que o tem e disponha de profissionais especializados e capacitados com entendimento capaz de conduzir sua prática pedagógica a atuar de maneira eficiente para que o aluno consiga, de fato vivenciar uma aprendizagem inclusiva.

2.1 A INCLUSÃO DO ALUNO AUTISTA

No Brasil, o atendimento isonômico às demandas educacionais individuais das crianças está previsto de forma legal na Constituição Federal (CF) de 1988, bem como no Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) - Lei 8.069/1990, que em seu artigo 54, parágrafo 3º, exige a garantia do “atendimento aos portadores de deficiência, preferencialmente na rede regular de ensino” (ECA, artigo 54, parágrafo 3º). Entretanto, apesar da ampla discussão no contexto brasileiro, a ideia da inclusão vem mobilizando algumas ações das políticas públicas a respeito da concretização dessa questão.

Ainda de acordo com a lei 13.146/2015, p.15, a qual instituiu a Lei

Brasileira de Inclusão ou Estatuto da pessoa com deficiência que, diferentemente dos dispositivos anteriores, “tem como objetivo assegurar os direitos fundamentais da pessoa com deficiência, incluindo o direito à educação em escolas regulares, em todos os níveis”.

Posto isso, os apontamentos mais relevantes a serem respondidos na atualidade em relação à inclusão escolar de estudantes com autismo referem-se não somente ao direito de frequentarem a escola comum, o de ter professores que ofereçam condições adequadas de aprendizagem, atendendo assim as reais necessidades educativas especiais no sentido de garantir a permanência e o progresso do autista na instituição. De acordo com as Diretrizes Curriculares Nacionais para o Curso de Graduação em Pedagogia de 15 de maio de 2006, instituí em seu artigo 5º, inciso V, que o profissional licenciado em pedagogia deve estar apto a “reconhecer e respeitar as manifestações e necessidades físicas, cognitivas, emocionais, afetivas dos educandos nas suas relações individuais e coletivas” (BRASIL, 2006).

Partindo desse contexto, é necessário compreender a importância e o papel que o professor exerce nesse processo inclusivo, cabendo a ele a busca por estratégias e métodos adequados para atender ao público envolvidos nesse contexto, porém é importante deixar claro

que não só existe a responsabilidade por parte do professor, mas também a mediação do poder público, requerendo esforços por parte das políticas públicas mais contundentes para que o espaço e o processo educacional seja de fato inclusivo e garantido a todos.

Embora, é preciso deixar claro que o papel da escola vai além dessas questões, pois é necessário enfatizar que o educador que pretende trabalhar com estudantes em condição de inclusão possui uma tarefa responsável que surge como metas a serem cumpridas. BAPTISTA e BOSA (2002, p.45) “chamam o aluno que chega para a inclusão de novo aluno e o que já faz parte da sala de aula de aluno antigo”. A complexidade do desafio suscita ao professor uma inquietação que se faz ouvir imediatamente através de uma queixa dupla: Que posso fazer?

Que posso esperar?

Diante das exigências educacionais para a inclusão do autista no ensino regular, faz-se necessário a busca por conhecimentos sobre o espectro do autismo, apreensão de informações que possibilitem a escolarização do estudante autista e que lhes sejam ofertadas oportunidades para que o processo de ensino aprendizagem ocorra de maneira eficiente, tentando alcançar os fins diversos. É relevante que os professores obtenham títulos de formação sobre a inclusão escolar para que o sucesso do

ensino aconteça gradativamente e com qualidade. Portanto, o papel dos membros da escola, a participação ativa dos familiares e uma nova visão da comunidade escolar, sugestiva pela instituição, de como respeitar o autista, poderá melhorar o envolvimento dele no processo e, claro, a atuação do educador criando métodos inovadores em parceria com a coordenação.

É preciso maior visibilidade ao público autista no quesito de inserir no ensino regular, porém, não se pode deixar de enfatizar que a criação de políticas públicas educacionais referentes a inclusão de pessoas com Transtorno Global do Desenvolvimento e Altas habilidades e deficiência, fez, oportunizou o conhecimento de um público, antes invisível. Nesse contexto, inserem-se os autistas, com características marcantes como dificuldades nos padrões de comportamento, na comunicação e nas questões sociais têm sido em alguns momentos, excluídas do processo ensino aprendizagem, em sala de aula regular, mesmo tendo a matrícula garantida por lei.

A educação do estudante autista é uma experiência singular e que exige muito do educador, uma vez que a programação pedagógica dele deve estar embasada nas suas necessidades, e direcionada para o desenvolvimento de suas habilidades e competências, favorecimento de seu bem-

estar emocional e equilíbrio pessoal de forma harmoniosa.

De acordo com lei 9.394/1996, em seu artigo 5º, “o acesso à educação básica é direito público subjetivo, podendo qualquer cidadão ter acesso”. E o estudante com autismo é também um indivíduo histórico e possui direitos de acesso à educação acesso como qualquer outro cidadão.

Defronte a esse contexto inclusivo pode-se citar as dez competências da Base Nacional Comum Curricular - BNCC, que indicam uma educação que promova um ensino de inclusão, que alcance a todos no ambiente educativo, propiciando qualidade na aprendizagem em modelos que não sejam ultrapassados. Especificamente a competência de nº 09, trata de:

Executar a empatia, o diálogo, a resolução de conflitos e a cooperação, fazendo-se respeitar e promovendo o respeito ao outro, com acolhimento e valorização da diversidade de indivíduos e de grupos sociais, seus saberes, identidades, culturas e com potencialidades, sem preconceitos de origem, etnia, gênero, orientação sexual, idade, habilidade/necessidade, convicção religiosa ou de qualquer outra natureza, reconhecendo-se como parte de uma coletividade com a qual deve se comprometer.

Essa competência trata da importância de executar e desenvolver a empatia, o diálogo, a resolução de conflitos

e a cooperação entre os alunos, até os anos finais do ensino fundamental II. Portanto, cabe ressaltar que a prática do que pede a BNCC é de suma relevância para que o avanço do ambiente escolar seja gradativo e possa acontecer com comprometimento e responsabilidade, não deixando assim nenhum aluno para trás do ensino regular.

Após a inserção do estudante na instituição escolar, cabe ao educador descobrir as habilidades que o educando possui e quais necessitam serem desenvolvidas e de acordo com o grau do transtorno identificar suas peculiaridades particulares para que o processo educacional se inicie.

A inclusão é uma inovação que implica um esforço de modernização e reestruturação das condições atuais da maioria de nossas escolas, ao assumirem que as dificuldades de alguns alunos não são apenas deles, mas resultam em grande parte do modo como o ensino é ministrado e de como a aprendizagem é concebida e avaliada". (MANTOAN, 2006).

Dessa forma, é preciso compreender a necessidade de haver professores que ofereçam condições adequadas de aprendizagem, atendendo assim as reais necessidades educativas especiais é algo indispensável ao processo inclusivo, através do papel desempenhado em sala, o profissional contribuirá na permanência,

progresso cognitivo e educacional do educando autista na instituição.

2.2 TRABALHO EDUCATIVO COM O ALUNO AUTISTA

A inserção do autista na rede de ensino comum provoca sentimentos conflitantes no ambiente escolar, envolve direitos humanos da criança e família, assim também as questões éticas, demandando uma parceria estreita entre educação e saúde. De acordo com KUPFER (2005, p.39) "a atual política de educação inclusiva, a orientação é a inclusão total, inclusive das crianças com o autismo ou psicose".

Na história da psicologia e da educação especial em geral existe uma supremacia de ideias que situam o desenvolvimento biológico como importante no avanço do indivíduo. Logo, as raízes históricas e o crescimento alcançados ainda é recorrente entre professores pensar que muitos autistas não conseguem apreender conhecimentos por razões orgânicas, desconsiderando ou ignorando o papel da sociedade e da maneira como se concretizam as relações de produção no mundo capitalista. Góes (2002, p.59), em um dos seus estudos, descreve:

Uma contribuição importante nesse sentido são os estudos realizados no âmbito da teoria Histórico-cultural, os quais explicam o ser humano como

sujeito histórico e social e a aprendizagem, como um processo partilhado mediante o qual os sujeitos se apropriam do conhecimento produzido pela humanidade.

Inicialmente, o estudante assimila os modos sociais de interação de grupo e de atividades, após, por meio de tarefas orientadas de maneira sistemática e intencionalmente organizadas na instituição escolar, ele adquire os conhecimentos formais. Assim, são estabelecidas três premissas por Góes (2002, p.46):

- 1) O psiquismo das pessoas com ou sem deficiência é de caráter essencialmente histórica.
- 2) As funções psicológicas superiores são tipicamente humanas;
- 3) As circunstâncias de vida concreta do autista são determinantes para o seu desenvolvimento.

Percebe-se a relevância no conhecimento mais aprofundado sobre o aluno autista, proporcionando sua interação com mais autenticidade, observando que o tratamento a ele ofertado deverá ser igual aos demais estudantes, o que será diferenciado é a forma de planejar e mediar o conteúdo estudado.

Referente a todos os desafios, faz-se necessário a busca de conhecimento sobre o espectro do autismo, informações que possibilitem a escolarização do aluno com

esse transtorno e que lhes sejam ofertadas oportunidades para que o processo de ensino aprendizagem ocorra de forma eficiente. É preciso que os profissionais da educação sejam capacitados com conhecimento sobre os aspectos do autismo para tornar possível a sua escolarização.

As Diretrizes Curriculares Nacionais (DCN), em seu artigo 4º II, considera-se público alvo do Atendimento Educacional Especial (AEE), estudantes com transtornos globais do desenvolvimento

Alunos com transtornos globais do desenvolvimento: aqueles que apresentam um quadro de alterações no desenvolvimento neuropsicomotor, comprometimento nas relações sociais, na comunicação ou estereotípias motoras. Incluem-se nessa definição alunos com autismo clássico, síndrome de Asperger, síndrome de Rett, transtorno desintegrativo da infância (psicoses) e transtornos invasivos sem outra especificação. (BRASIL, 2001).

Vê-se aqui o respaldo para um atendimento especializado associado com a prática educativa de sala, pois o aluno com TEA faz parte do público direcionado a esse atendimento. Esse atendimento somado ao ensino de sala pode contribuir de maneira positiva, pois através do cotidiano escolar obtém-se uma análise crítica e objetivo do processo ensino aprendizagem.

3. MATERIAIS E MÉTODOS

Este artigo foi elaborado através do método qualitativo e quantitativo, tendo como base a pesquisa bibliográfica e a pesquisa de campo. A pesquisa inicialmente caracterizou-se, com o método bibliográfico, a partir do levantamento e análise de referenciais teóricos que possibilitaram maior abrangência e respaldo sobre o assunto. A pesquisa bibliográfica foi de grande importância para o processo de conhecimento sobre o tema, porque a partir da mesma alcançaram-se informações necessárias para seu desenvolvimento.

Houve um segundo momento que pôde-se constatar e confrontar os dados obtidos da fundamentação teórica com os resultados da análise de dados coletados através da pesquisa de campo, que foi executada com aplicação de questionários junto ao objeto de estudo, com finalidade de serem obtidas as informações necessárias que possibilitaram responder o problema levantado.

Os dados foram coletados no período entre 10 de janeiro a 10 de fevereiro de 2022 devido ao período pandêmico do COVID-19 o questionário foi enviado através do aplicativo WhatsApp o contato com as entrevistadas foi totalmente online. Entre as técnicas utilizadas na coleta de dados, optou-se pelo questionário com o objetivo de obter dados importantes e

necessários para a pesquisa. É importante ressaltar que, os tópicos trabalhados foram planejados para o alcance dos objetivos respondendo os questionamentos levantados no estudo.

A opção para a aplicação do questionário foi devido à relevância da importância de obtenção de informações da prática realizada pelas profissionais no processo inclusivo, apresentado as mesmas questões para dois dos sujeitos questionados. O questionário foi composto por 4 (quatro) questões para a duas participantes, sendo uma professora da sala regular do 3º ano e outra da sala regular do 5º ano. Neste estudo, optou-se pelo questionário, composto por perguntas abertas.

A utilização do questionário tornou possível obter informações pertinentes sobre pontos ligados ao que foi investigado. Ao aplicar perguntas abertas permitiu-se um momento mais livre para relatar experiências cotidianas, especificamente na primeira etapa do ensino fundamental, a prática com estudantes autista. Os estabelecimentos de ensino foram: Escola Municipal Irmã Jolenta e Escola Municipal de Educação Básica Rotary, pertencentes a administração do Município de Penedo/AL.

A aplicação do questionário foi realizada apenas com duas professoras devido ao fato de trabalharem com alunos autistas. As docentes foram submetidas à

aplicação de um questionário, sendo objetivado analisar a realidade vivenciada pelas professoras acerca do processo de inclusão do aluno autista.

De acordo com LAKATOS e MARCONI (2010, p.190) “o questionário é um instrumento constituído por umas séries de perguntas, que devem ser respondidas por escrito e sem a presença do pesquisador”.

4. RESULTADOS E DISCUSSÕES

O presente estudo verificou através da perspectiva das professoras sobre o processo de inclusão educacional dos alunos autistas no ensino fundamental anos iniciais. A pesquisa bibliográfica deu o suporte teórico para averiguação do processo inclusivo como também os desfechos da pesquisa de campo com informações adquiridas através do questionário aplicado.

As professoras que dispuseram o seu tempo para contribuir nesse estudo respondendo o questionário serão nomeadas no trabalho com a letra P numerada em ordem crescente, ou seja, P1 e P2. A intenção desta conduta é preservar o nome das docentes e garantir que a os princípios éticos sejam respeitados na prática.

Quadro 2 – Resultados do questionário realizado com as colaboradoras da pesquisa

1ª	Quais os maiores desafios e/ou dificuldades na inclusão do aluno com TEA em sala de aula?
P-1	R. Os desafios encontrados foram envolver o aluno nas atividades diárias, pois as atividades devem ser passadas a partir do conhecimento do aluno e de suas preferências e dificuldades, para isso seria necessário em sala uma auxiliar para melhor adaptação desse.
P-2	Diante da realidade apresentada em sala de aula, os desafios são convívio e adaptação do aluno com TEA e os demais desafio são recursos e ferramentas que as vezes dependendo da Escola não estão disponíveis.
2ª	Como foi preparado os vários espaços da escola para a inclusão do aluno?
P-1	Na escola da rede municipal onde trabalhei com o aluno especial, não há um espaço adequado para ele desenvolver suas habilidades de acordo com a sua necessidade, que seria a sala de recursos. Porém a escola possui vários materiais como jogos e atividades lúdicas, onde ele se sentia muito feliz quando eram usados durante a aula
P-2	No tocante a escola que trabalho na rede municipal...não há um espaço adequado com matérias ou recursos o aluno é realmente inserido dentro da sala de aula convencional. Em alguns escola tem uma sala chamada sala de recursos onde é montada para atender esse alunado.
3ª	Como foi integrado o trabalho do professor e do auxiliar?

P-1	Com o retorno das aulas presenciais, não tive uma auxiliar para acompanhar junto comigo as atividades com a criança, porém realizava atividades com toda a turma e fazia algumas adaptações para que o aluno especial pudesse praticar e partilhar momentos junto com a turma.
P-2	Falando especificamente de mim como professora auxiliar de educação especial sempre costumo seguir os parâmetros e planos da professora titular apenas adaptando ao nível de absorção do meu aluno.
4 ^a	Quais os métodos foram utilizados para a inclusão do aluno em sala de aula com os colegas?
P-1	Através de atividades adaptadas a nível do aluno sobre o mesmo tema trabalhado com a turma, jogos, brincadeiras, dinâmicas, músicas, entre outras atividades.
P-2	Sempre através de atividades dinâmicas e em grupo onde necessite a participação deles e em brincadeira principalmente no horário de intervalo também.

Fonte: Quadro elaborado pela autora desta pesquisa, 2022.

A partir desses resultados, foi possível analisar o ponto de vista das educadoras sobre a inclusão do aluno autista no ensino regular. As docentes, das escolas campo de pesquisa, descreveram suas experiências através de perguntas abertas. Nelas foi pedido que elas destacassem quais os desafios ou dificuldades na inclusão do autista em sala de aula, como eram os espaços para esses alunos, o trabalho

professor e auxiliar e os métodos utilizados no processo ensino aprendizagem.

No primeiro questionamento foi observado que as entrevistadas colocaram como desafios as atividades de adaptação e interação do aluno autista no cotidiano escolar, a forma de como aplicar os conteúdos, descreveram ainda, que em algumas escolas da rede, não existem os recursos e ferramentas adequados para aplicação de atividades diferenciadas. Gikovate

(2009, p. 15), ressalta “que para haver realmente uma inclusão escolar da criança com autismo é importante levar em consideração qual a necessidade desta, a partir disso deve-se fazer as adaptações na sala de aula”. De acordo com o autor é fundamental a observação sobre a real necessidade do aluno autista, com isso haver as devidas adaptações.

Na segunda pergunta, as colaboradoras foram questionadas a respeito do espaço para acolher o estudante autista, as professoras responderam que, em algumas escolas, não há espaços adequados para desenvolver as atividades diárias, mas a instituição escolar possui materiais, como jogos, para trabalhar atividades lúdicas.

Os sistemas de ensino devem organizar as condições de acesso aos espaços, aos recursos pedagógicos e a comunicação que favoreçam a promoção da aprendizagem e a valorização das

diferenças, de forma a atender as necessidades educacionais de todos os alunos (BRASIL, 2010, p. 24).

Na terceira questão, as entrevistadas, detalharam como ocorreram as relações professor e auxiliar durante o processo ensino aprendizagem. Observou-se que uma já era auxiliar, buscava seguir o que era aplicado em sala de aula, já a segunda era professora regente, não teve nenhuma auxiliar no decorrer do retorno das aulas presenciais. MANTOAN (2006, p.48) apontou que “é fundamental que o professor nutra uma elevada expectativa em relação à capacidade de progredir dos alunos e que não desista nunca de buscar meios para ajudá-los a vencer os obstáculos escolares”.

No último questionamento foi solicitado que as entrevistadas mostrassem como ocorriam os métodos para incluir o autista em sala regular. Elas responderam que trabalharam com base em jogos, brincadeiras, músicas, assim aconteciam atividades dinâmicas e participações ativas, assim como no intervalo.

Brincar é uma necessidade básica assim como é a nutrição, a saúde, a habitação e a educação, brincar ajuda a criança no seu desenvolvimento físico, afetivo, intelectual e social, pois, através das atividades lúdicas, a criança forma conceitos, relaciona ideias, estabelece relações lógicas, desenvolve a expressão oral e corporal, reforça habilidades

sociais, reduz a agressividade, integra-se na sociedade e constrói seu próprio conhecimento. Ferreira (2007, p. 124).

Torna-se compreensível que o processo inclusivo é necessário escolher uma opção, mas ainda é preciso que seja mais bem efetivado, e que a ideia inclusiva se amplie, para que assim que a visão sobre o estudante autista seja, cada vez mais, amplificada e respeitada, pois cada ser humano necessita de um espaço no convívio social.

CONCLUSÃO

A partir desse estudo ficou claro que a prática educacional transformadora exige uma crença incondicional na capacidade do ser humano de conhecer, logo necessita-se da organização sistemática e adequada aos recursos e estratégias para efetivar as tarefas. Também os professores necessitam de educação formal e humanizada, pautada em leis do desenvolvimento, mas reconhecendo e respeitando o espaço de pessoas com Transtorno Global do Desenvolvimento e Altas habilidades e deficiência, surgindo, nesse contexto, o autista. Na realização deste trabalho foi percebido que para ocorrer o processo inclusivo de alunos autistas, uma educação que alcance “a todos”, é necessário empenhar-se para reconhecer melhor as diversas dificuldades existentes entre eles,

para que dessa forma possam garantir as mudanças qualitativas no contexto escolar.

O presente estudo evidenciou a importância de incluir o autista no processo ensino aprendizagem através de momentos de interação, em brincadeiras e jogos e no contexto da sala regular, logo percebe-se a importância em obter conhecimentos mais aprofundado do aluno autista, podendo fazer ele interagir com mais autenticidade. Por isso, analisa-se que o tratamento a ele ofertado será igual aos demais alunos, o que será diferenciado é a maneira de planejar e transmitir o conteúdo programado.

Observou-se que buscar a melhoria da prática ou aprimorar e adquirir métodos que atendam ao público é bastante relevante, pois os educadores precisam sempre em busca da análise e condições da inserção da família dentro do processo de inclusão para que possa tentar atender as necessidades dos alunos. A inclusão ocorre através da aceitação e do respeito de cada ser humano com o intuito de destacar o seu papel no meio social.

A pesquisa conseguiu atingir o objetivo proposto, mesmo sabendo que ainda há muito a ser realizado para que o ensino regular oferte um ambiente inclusivo. Desta feita, foi possível conhecer melhor a respeito do aluno autista, por isso, obter uma visão de mudança na forma de pensar esse estudante. Acrescenta-se aqui que a escola, ao aceitar o autista atingirá

posturas de mais cuidado e atenção em relação a forma de transmitir os conteúdos e ainda adequá-lo ao contexto.

Um aspecto que merece ser destacado é que no procedimento da revisão bibliográfica foi possível observar a importância dos jogos e brincadeiras pedagógicas no apoio aos estudantes com necessidades educacionais especiais. Propor atividades lúdicas para alunos com autismo será de suma importância na contribuição do desenvolvimento, é no brincar que eles representam sua compreensão do mundo real. O aprendizado desses estudantes é de fundamental importância para o desenvolvimento cultural, social e cognitivo.

Portanto, este estudo auxiliará na reflexão da importância do processo de inclusivo no ambiente escolar do discente com TEA, para profissionais atuantes da área e futuros docentes que se interessarem pela temática. Este estudo contribuiu em uma provocação na perspectiva de novas investigações dentro do reveja espaçamento no contexto educacional.

REFERÊNCIAS

BAPTISTA, C.R.; CAIADO, e BOSA.
Educação especial: diálogo e Pluralidade.
Porto alegre: Mediação, 2002.

BRASIL, 2015, Lei n. 13.146, de 6 de julho de 2015. Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência.

BRASIL. Constituição (1988). Constituição da República Federativa do Brasil. Brasília, DF: Senado Federal: Centro Gráfico, 1988.

BRASIL. Lei 8.069, de 13 de julho de 1990.

BRASIL. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular. Brasília, 2018.

BRASIL. Parecer, nº 17, Diretrizes nacionais para a educação especial na educação básica. Brasília: Conselho Nacional de Educação, 2001.

Diretrizes Curriculares Nacionais para a Formação de Professores da Educação Básica, em nível superior, curso de licenciatura, de graduação plena. Brasília: MEC, 2001. BRASIL.

FERREIRA, C. A. A avaliação formativa vivida pelos professores do 1º ciclo do ensino básico. Revista Portuguesa de Pedagogia. 2007.

GIKOVATE, Carla Gruber. Autismo: compreendendo para melhor incluir. Rio de Janeiro, 2009.

GÓES, M. C. R. (2002) Relações entre desenvolvimento humano, deficiência e educação: contribuições da abordagem histórico-cultural. 2002. São Paulo, SP: Moderna.

Kupfer, M. C. M. (1997). Educação Terapêutica: o que a psicanálise pode pedir à educação. Estilos da Clínica, 2005.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. Metodologia científica. 2. ed. São Paulo: Atlas, 2010.

MANTOAN, Maria Tereza. Inclusão escolar: O que é? Por quê? Como fazer? São Paulo: Moderna, 2006.

MARTINS, Ana Soledade Graraeff; PREUSSELER, Cintia Medeiros; ZAVSCHI, Maria Lucrecia Scherre. A psiquiatria da infância e da adolescência e o autismo. Autismo e educação: atuais desafios. Porto Alegre: Artmed, 2002.

Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. Diretrizes curriculares nacionais para o ensino fundamental /Secretaria de Educação Básica. – Brasília: MEC, SEB, 2010.

São Paulo: Saraiva, 1996. BRASIL. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, LDB. 9394/1996.



 **hawking**
EDITORA